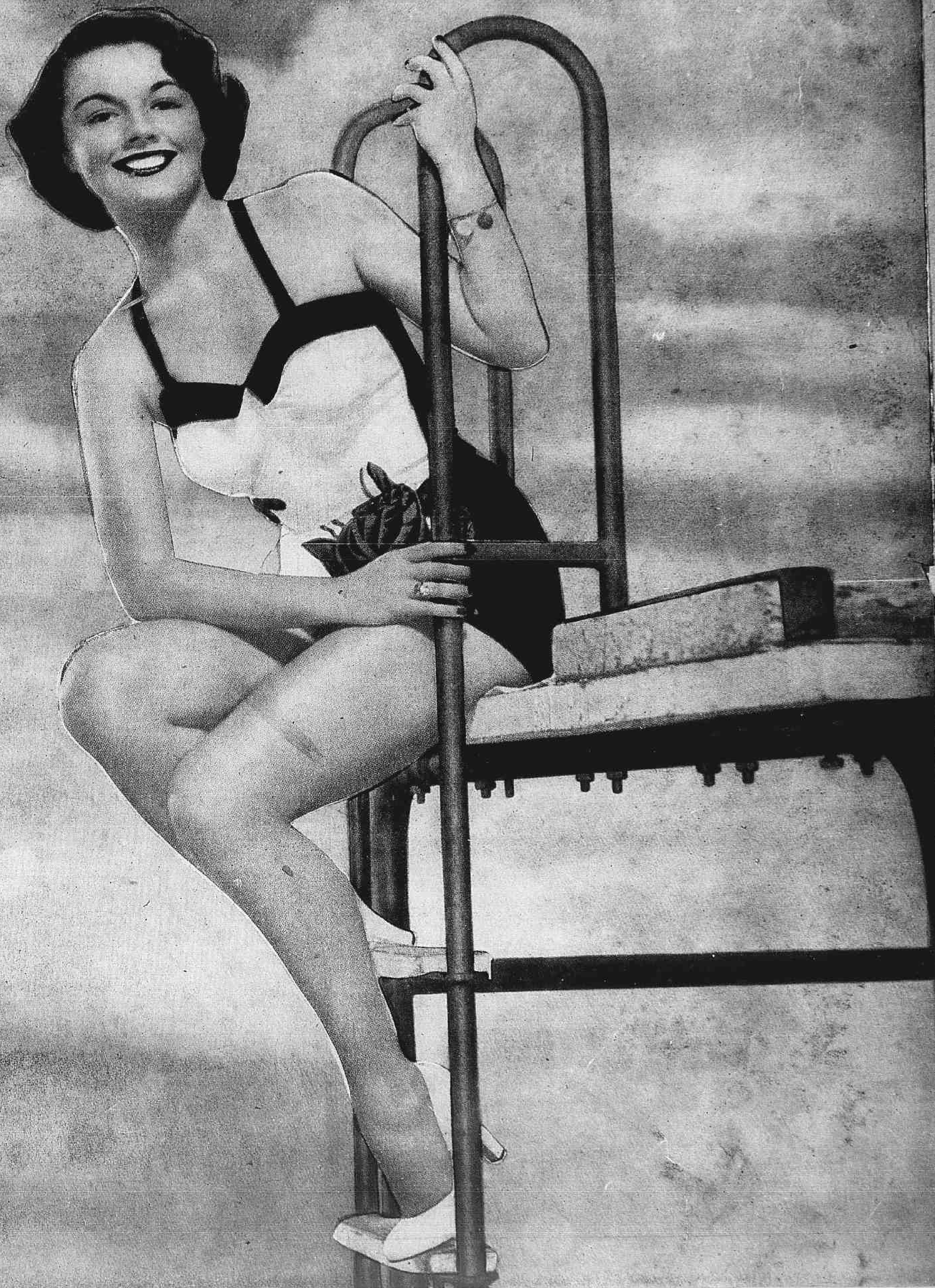
Núm. 18
1-5-52

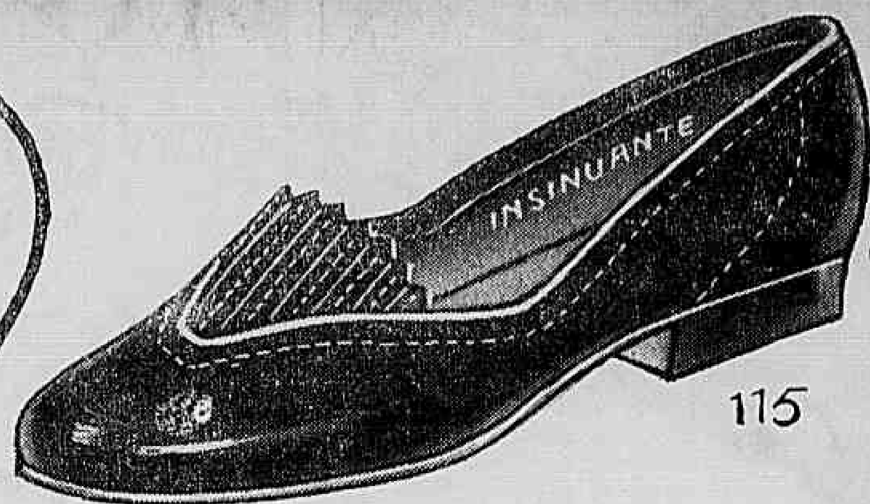
a cena muda

CR$ 3.00
EM TODO
O BRASIL

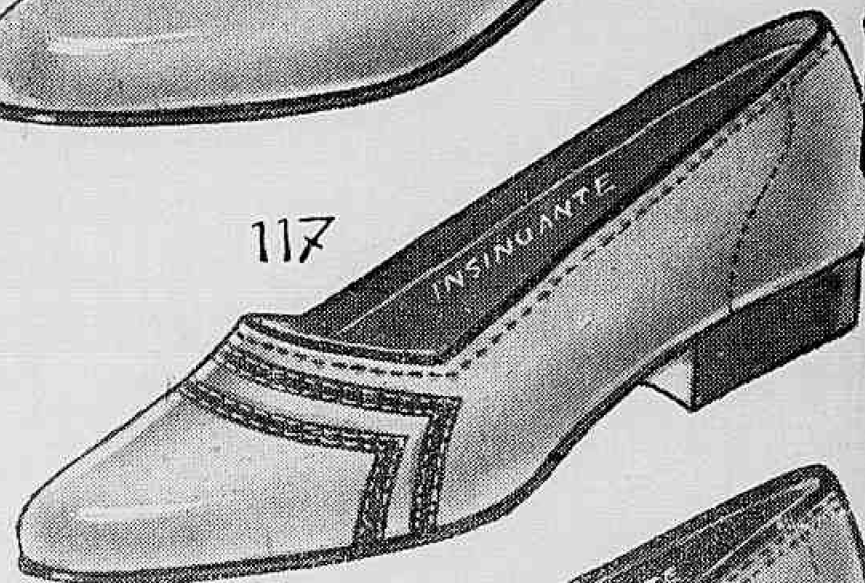


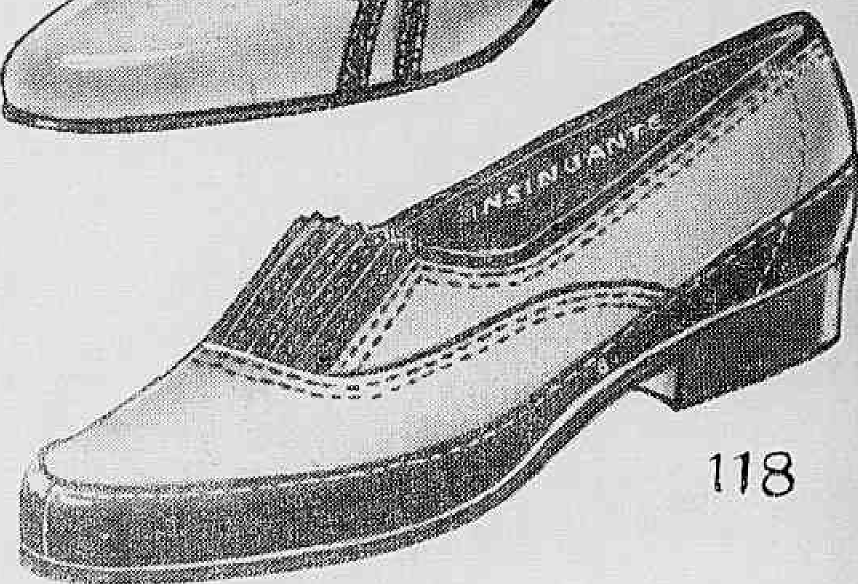
CREAÇÕES DE *Mister* JAMES PARA A SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE!

INSINUANTE
A Sapataria mais querida da Cidade.









CR$ 150,00

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS
NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

Em diversas côres e combinações numeração de 32 a 38

AT. SEMOG

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

insinuante

CARIOCA, 46-48 — SETE SETEMBRO, 199-201

EIS O QUE NOS DIZ JEAN LAUNAY SÔBRE OS "SHORTS" FRANCESES

QUANDO um jovem cineasta resolve fazer um filme (porque êle tem algo para dizer, mas quer dizê-lo sòzinho, e também porque muitas vêzes o estágio como assistente tende a se prolongar de mais para a sua impaciência em demonstrar o seu gôsto) é quase sempre um "short" que êle realiza. Notem que eu digo complemento, "curta metragem", e não documentário; faço a ressalva, porque as duas coisas têm sido erradamente confundidas, muitas vêzes. Essa preferência pela curta metragem se explica pela situação econômica do Cinema francês. Os produtores preferem empregar poucos capitais em um complemento, a arriscar grandes somas num grande filme. Essa é, sem dúvida, uma das razões, mas não a única. E' preciso levar em conta também a moda dos filmes sôbre arte, o que muito seduz os jovens realizadores. Fotografar pinturas, fica muito mais barato do que fotografar atores.

Com isso, estamos de parabéns, pois uma série de complementos de valor foi realizada, nesses últimos meses, o que presagia uma "fornada" de diretores de talento.

★

Jean Aurel, o autor de "Festas Galantes" da obra de Watteau, vem de terminar dois outros filmes: o primeiro sôbre Manet, que êle intitulou "O caso Manet" e o segundo sôbre iluminuras da idade média. "O caso Manet", primeiro prêmio em Veneza, trata cinematogràficamente do "caso" Manet, isto é, a história do pintor que quer subir graças à sua pintura, que quer brilhar na alta sociedade do seu tempo e que se vê repelido por essa mesma sociedade. Êsse é o tema do filme. Êsse bom pintor burguês (ou êsse bom burguês da pintura, como preferem) nada compreende do que lhe acontece. Tratam-no de revolucionário em arte, e êle se defende. Mas quando pilha um burguês sob seus pincéis, pinta-o feio, dentuço, a cara como uma máscara. Manet não dá por isso, diz o filme. Quanto a mim, nada sei, é possível que não. Imagino apenas que Manet pintava aquilo que êle "via",e o seu meio, a sua classe social. Pintava como a via e a alta sociedade de hoje não o repele mais... A câmara nos faz passar de uma tela a outra. Segue-se com interêsse êsse Manet, infelizmente sem colorido. Nesse particular êle perde muito, e se "Olympia" se sai mais ou menos, no "Dejeuner sur Z'Herbe" êle perde o melhor. O comentário de Emmanuel Beol é perfeito.

★

O coração de amor cativo, dobom Rei René D'Anjou é uma maravilhosa história. E' também, antes de tudo, um longo poema de dez mil versos, ilustrados de maravilhosas iluminuras. Jean Aurel segue a história do poema filmando-o.

Audré Chamson escreveu o comentário, "condensando" os dez mil versos e Maria Cesarés os recita com a sua voz grave. Tudo é forte e belo. Eu não conheço perfeitamente a história de França para saber se o Rei René merecia o qualificativo de "bom"; o que sei, porém, é que o seu sonho é extraordinário de poesia melancólica.

★

Quando me disseram que haviam feito um filme sôbre o "Desastres de la Guerre de Goja", eu pensei: decididamente Pierre Kast tem a atração pelas coisas difíceis. E' o que habitualmente se pensa, quando se ouve falar de adaptação de uma obra prima ao Cinema. Êsse ceticismo que é amplamente justificado na maioria dos casos, não o é no "Desastre de la guerre". O filme que Pierre Kast realizou sôbre a água forte famosa, do grande pintor espanhol, é interessante sob vários pontos de vista. Êle merece ser estudado, analisado com serenidade. Jean Grémillon escreveu o comentário musical — que êle próprio afirma — adaptou de árias espanholas da época. E' preciso não esquecer que Hast já tem trabalhado muito com Jean Grémillon, e os conselhos dêste último tem ajudado muito Hast. O resultado é positivo e o filme é belo e impressionante.

Há muitas maneiras de "mostrar" e também de demonstrar os desastres da guerra. O filme é de grande rigor, segue uma linha bem construída sem efeitos fáceis e com muita emoção. Não há nêle, então, nada a criticar? Nenhuma reserva a fazer? Certamente há. O filme termina numa água forte mostrando um homem morto, que antes de morrer escreveu uma palavra: "Nada". Então depois de se empenhar em nos mostrar os horrores da guerra, os piores horrores, Goja não nos deixaria mais que essa mensagem em uma palavra? Nada? Vamos... Uma outra restrição que faço nesse filme é o de haver negligenciado totalmente o conteúdo histórico da obra de Goja. A obra de Goja traça a luta de todo um povo — o povo espanhol — contra os exércitos de Napoleão. E' a epopéia da resistência popular contra o exército invasor que devastava o país, perpetrando os horrores que Goja tão magnìficamente nos mostra. No filme, isso foi bastante negligenciado. Mostra-nos os horrores sem os explicar, sem explicar também a revolta íntima dêsse povo. Goja o fêz magistralmente. Eis por que a palavra "Nada" perde o sentido no fim do filme.. Dois maravilhosos artistas, Yvone Joachim e Ginette Guillamat, interpretam as árias espanholas escolhidas e arranjadas esplêndidamente por Jean Grémillon. Grande Deus! Que extraordinário pintor que foi Don Francisco Goja.

★

Yammick Bellon, a realizadora dos Goémons, terminou, há uns seis meses, um filme sôbre Colette, filme ainda pouco visto. O filme começa no apartamento da própria Colette, no Palais Royal. Seu marido chega e cumprimenta. Sentam-se e fazem o pequeno almôço como tôda gente. Durante a refeição começam a falar do filme. O marido de Colette pergunta-lhe a opinião sôbre o filme que desejam fazer a seu respeito. Colette não vê o que poderão filmar a seu respeito e que possa interessar ao público... salvo, talvez, as casas onde ela morou no decurso dos anos passados e então começa a falar dessas casas... Yammick Bellon e seu operador André Dumaitre nos levam em companhia de Colette, na casa em que ela viveu a sua infância. Enquanto a escritora descreve no seu estilo encantador a casa e o jardim, a câmara nô-las vai mostrando, em um estilo que nada deixa a invejar a linguagem de Colette. Depois da mansão de Gaint-Sauveur, onde nasceu a escritora, vamos à Bretanha, ao sul da França e ao Franco Condato. A seguir, com fotos e documentos "reconstrói-se" a vida da escritora. Sua carreira histórica, seus casamentos, etc. O filme termina no apartamento de Colette, para onde nos reconduz mostrando-nos as suas ocupações diárias, suas visitas... Assistimos a uma palestra entre Colette e seu vizinho Jean Cocteau. Colette conversa diante da câmara, com uma naturalidade digna de ser imitada por muitos profissionais do "métier". Yammick Bellon, que recém-concluiu um filme sôbre o turismo através dos tempos, é um dos nossos melhores autores de curta metragem. Ela tem uma maneira tôda pessoal de dizer o que tem para dizer. Há um estilo "Yammick Bellon". Estamos certos de que a sua capacidade está à altura de se tornar, quando ela quiser, um ótimo diretor de filmes de longa metragem.



«L'Affaire Manet»

Terminarei esta "revista" pelo documentário francês que acaba de obter o prêmio de sua categoria no festival de Veneza: "Meu amigo Pierre", de Louis Félix e Paula Neurisse. E' a história de um barco de pesca bretão, de Concarneau, história cotidiana de nove homens da equipagem, vida de bordo, seus trabalhos, etc. "Vinte dias no mar", os dois juntos a "Maria", e os anos passam... é a vida. A canção que serve de estribilho ao filme, palavras de J. P. Chabrol e música de Joseph Kosma, é cantada por Ives Montand. As imagens do trabalho estafante de nove homens, que nos dá Felix, são belíssimas. Participamos da vida de bordo e dêsse rude trabalho que êles amam, apesar de tudo. E quando passados os vinte dias os marinheiros voltam ao pôrto onde os esperam suas mulheres e seu lar, ainda que por poucas horas, compreendemos a sua alegria. Mas é preciso partir novamente e dois dias depois, pela madrugada, o barco recolhe a âncora...



«Les Desastres de la Guerre»

E X P E D I E N T E

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor-presidente: Gratuliano Brito — Redator-chefe: Adhemar Gonzaga

Correspondente em Hollywood: — *GILBERTO SOUTO*

Redator-chefe de publicidade: — *Severino Lopes Guimarães*

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. — Telefones: — Secretaria: 22-4447; Administração e Publicidade: 22-2550; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual: Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,00. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil.

Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marquês. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746. Montevidéu. Suc. na Argentina: *Inter-Prensa*, Flórida, 229, B. A.

IMPORTANTE: — O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



Lima Neto, ilustre causídico, procurador do Estado, personifica um banqueiro em «Apassionata», produção da Vera Cruz.

CINEMA

CAVALCANTI prossegue com as filmagens de "Simão, o Caolho" num acelerado ritmo de atividade, tendo trabalhado até na sexta-feira santa. Como se sabe, êle também é diretor da Kino Filmes, nova emprêsa cinematográfica, que tem como produtor José Sanz e, como produtor associado Harry Hand, produtor do Cinema inglês que, devido às dificuldades com que luta o Cinema da Grã-Bretanha... na indústria cinematográfica, acaba de transferir-se para o Brasil. Cavalcanti já estuda e prepara o cenário da primeira produção da Kino que será "O Canto do Mar", cuja filmagem será tôda feita no Recife.

★

Sandro Polônio deixou a Maristela e volta às suas atividades teatrais.

★

Oscarito continua assediado pelos produtores de S. Paulo. E' certo que terminado o seu contrato com a Atlântida, filmará na Paulicéia. As propostas são muito boas...

★

A Oceania Filmes preparou "Conflito" e já prepara outras produções. "Conflito" deve sair breve. Entre os atores, Paulo Geraldo dizem que está muito bem.

★

Prosseguem as filmagens de "O Cangaceiro", da Vera Cruz, em Vargem Grande. Alberto Ruschel está com uma grande barba.

★

"Apassionata", filme de Fernando de Barros está na fase final de rodagem, dentro do plano de 90 dias. Anselmo Duarte fará Vitorino. Tônia Carrero a pianista Guiomar Nogales e Ziebiensky o maestro marido de Tônia. Ainda Alberto Ruschel faz outro artista.



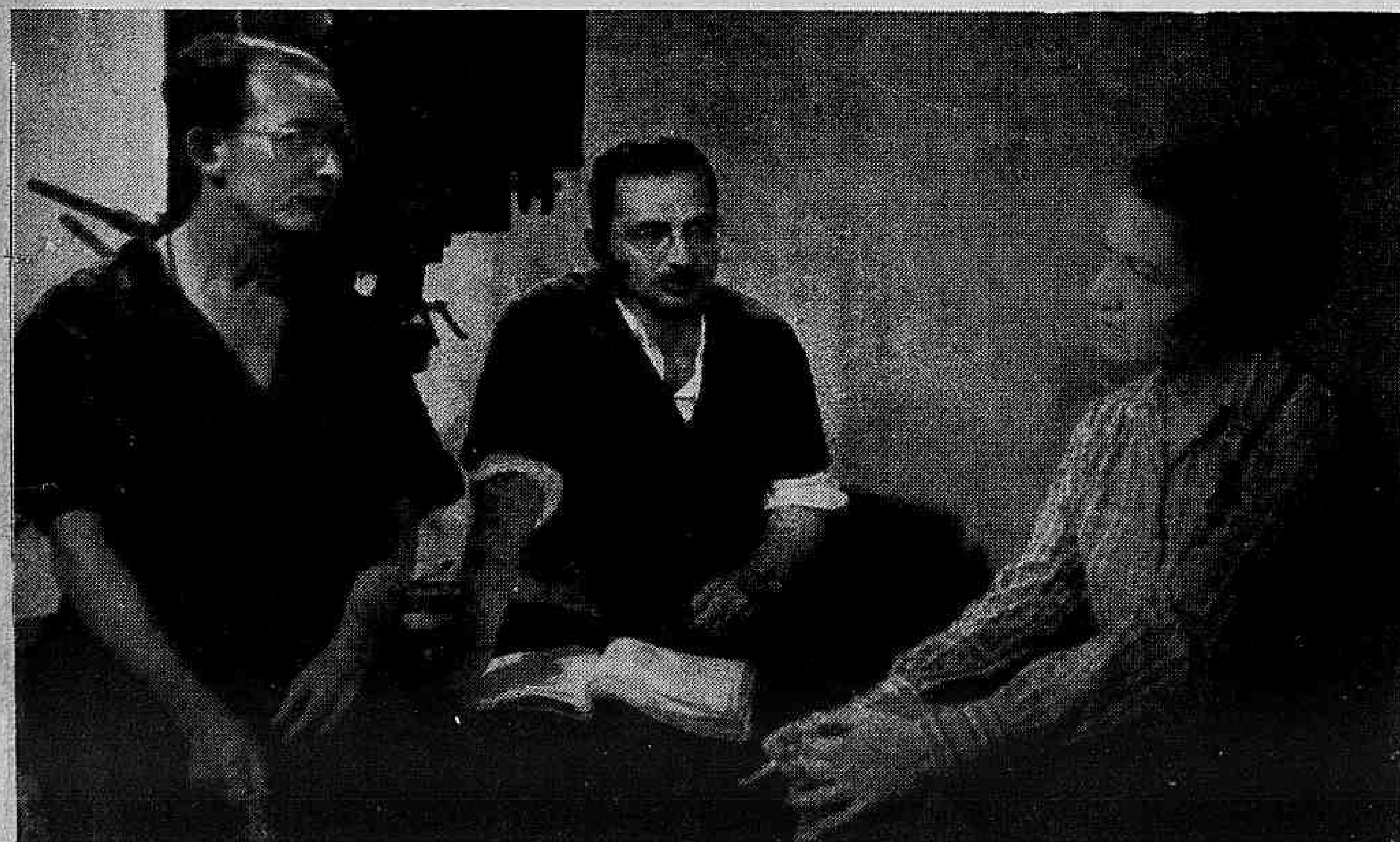
Flávio Cordeiro, Luís Delfino, Licette Bruno, o diretor Humberto Mauro, Elizabeth Hobos e Silveira Sampaio, durante a filmagem de «O Canto da Saudade».

★

Abílio Pereira de Almeida fêz "Sai da Frente" e agora faz "Nadando em Dinheiro". O novel diretor pensa que a Vera Cruz age direito pondo mais dinheiro nas suas produções, a fim de que tenha bagagem quando forem rompidas as barreiras e nossos filmes forem exibidos no exterior. Então haverá lucro. Para deixar de depender apenas do mercado interno, faz-se mister empregar mais capital para obter a qualidade exigida lá fora.

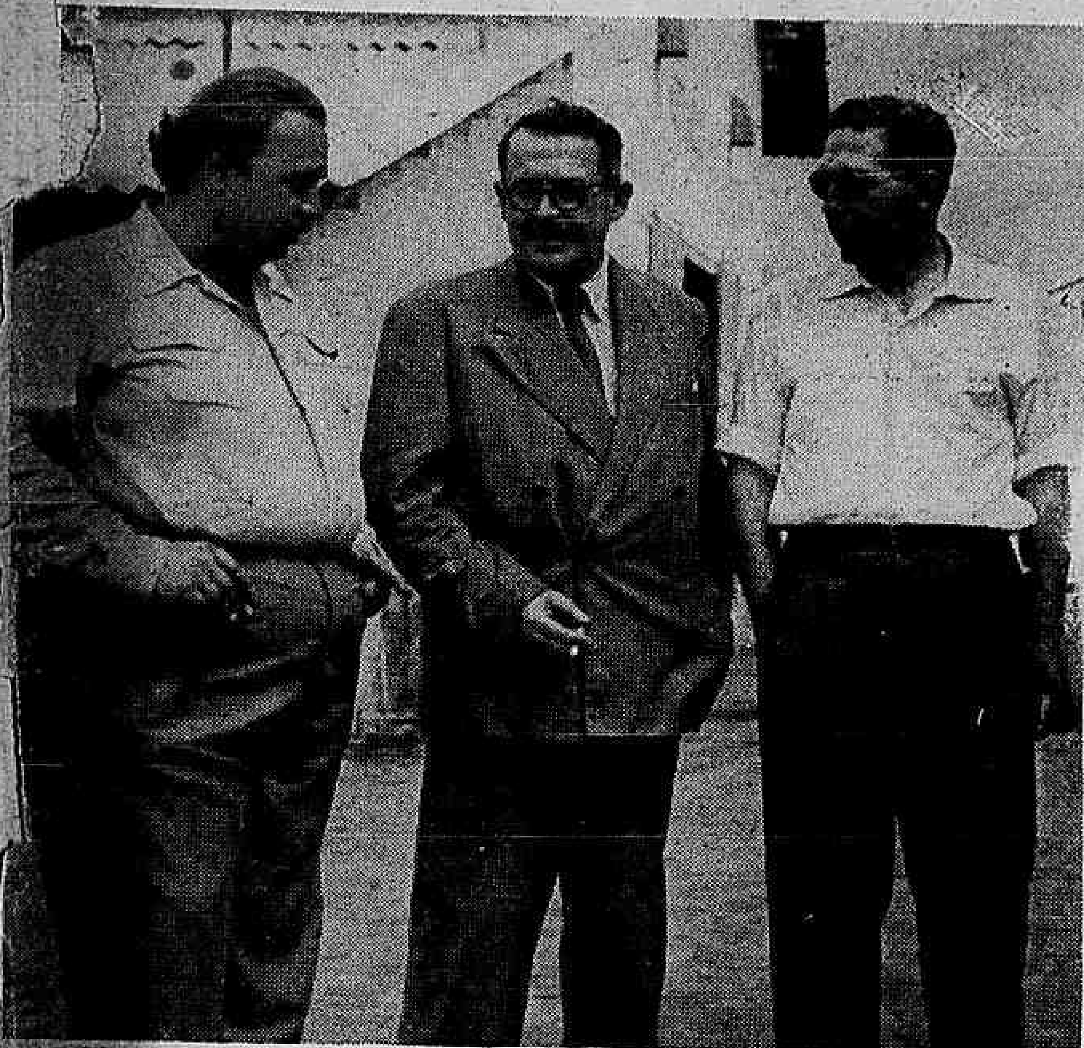
★

O cinegrafista Pedro Tôrres, que já foi "camera" na Atlântida, trabalhou na Vera Cruz e ùltimamente filmava reportagens para os jornais da Divulgação Cinematográfica Bandeirante, deixou esta emprêsa para atuar na Televisão Paulista. Quem te viu e quem "TV"...



Depois de uma filmagem de «Destino». Lizete Barros, A Pereira Castro, que fêz a fotografia, e Samuel Mankenson, o diretor. Neste filme, também figuram Flávio Cordeiro, Herval Rossano e Sara Darthus e ainda o cantor Ciro Monteiro como ator dramático. O argumento é de Paulo Roberto,

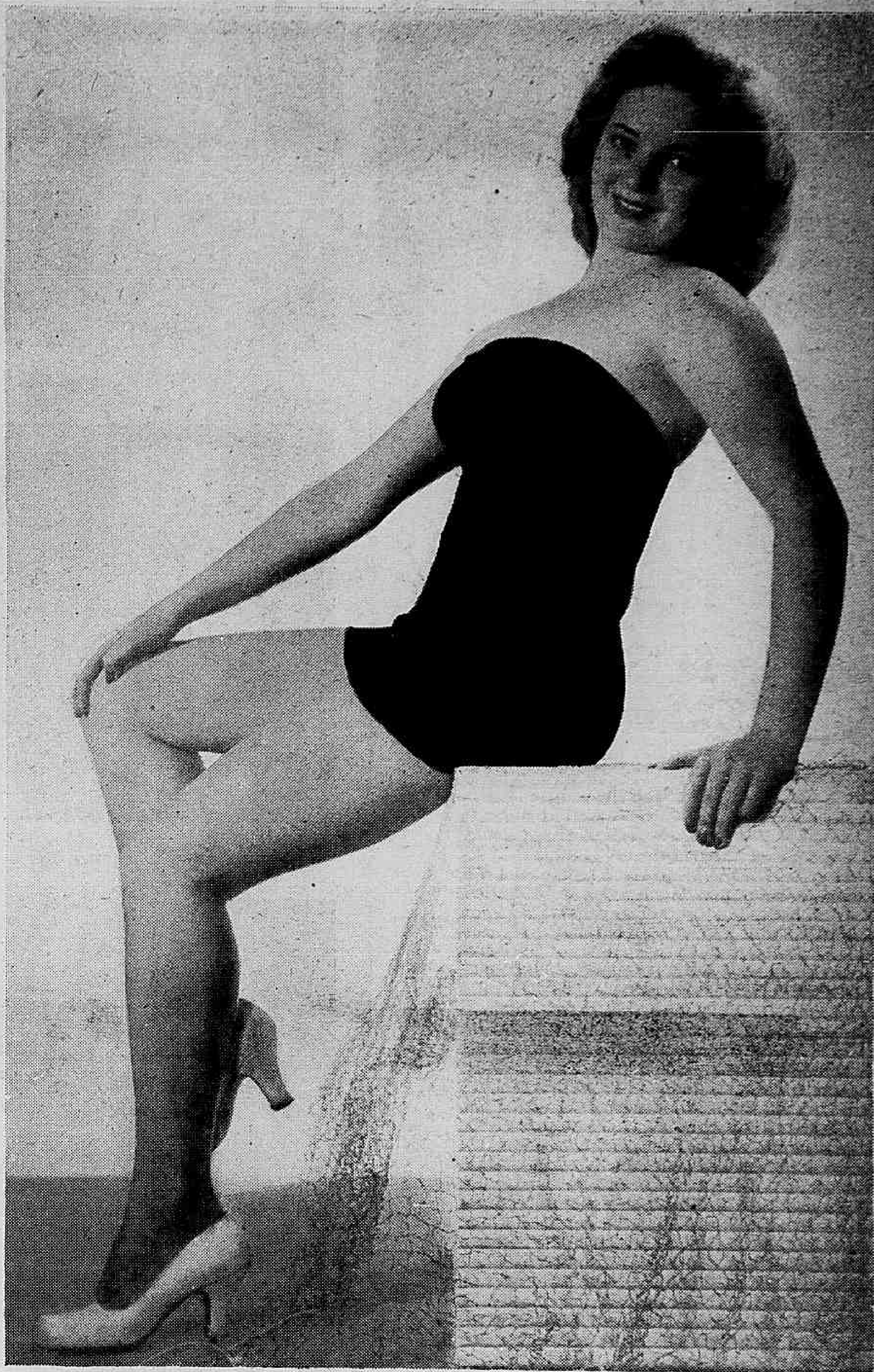
BRASILEIRO



Um encontro que pareceria impossível. Mário Civelli, Cavalcânti e Moacir Fenelon. Mas isto foi nos tempos em que Civelli era diretor da Maristela e Cavalcânti ainda não estava lá. Fenelon era uma visita. Agora, tendo deixado a «Flama», também vai dirigir filmes em São Paulo.



Plínio Camargo estreou há pouco no rádio paulista. Voz romântica, interpre, de preferência, personagens românticas. Sai-se bem como galã. Está hoje prêso ao prefixo G-9, Rádio Nacional de São Paulo. No cinema Plínio também é galã, tendo aceitado o papel principal da película «O Mistério do Campo Santo», da Rossi Filme. Plínio contracenou com Genésio Arruda, o Valdemar de Morais nesta película.



Regina Laura é seu nome. Atua como estrêla do filme da Oceania de S. Paulo, «Conflito». Será a rainha loura do nosso Cinema.



Hélio Souto e Dorothy Faggin quando filmavam «Luzes nas sombras», filme ainda inédito.



Antônio Gonçalves em «Serra de Aventura», e operador de vários filmes. Agora está com a câmara em «Alvorada de Glória». Divulga-se que ficou noivo de Olivinha Carvalho.



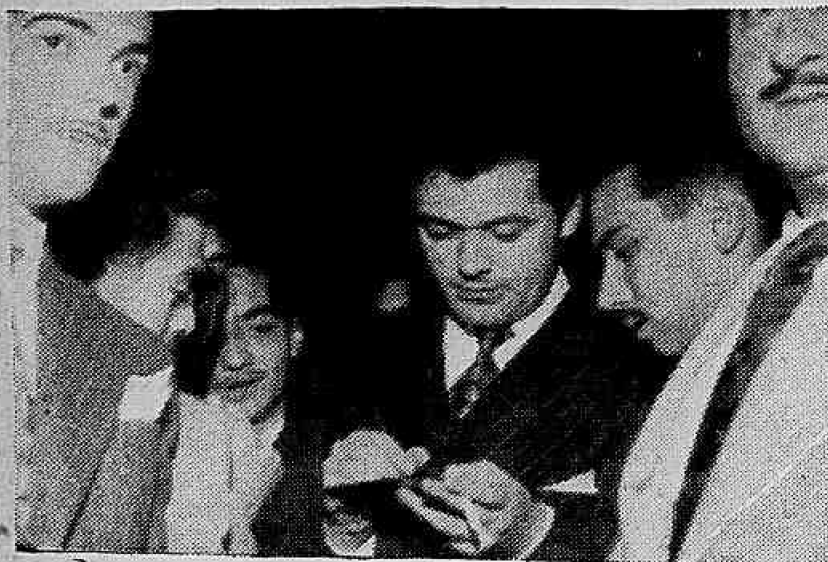
Anselmo estava em companhia deAny Berrier, a linda e dulcíssima cantora francesa...

Avant-Première de "Tico-Tico no Fubá"

A "WORLD'S Première" de "Tico-Tico no Fubá", à zero hora do dia 21 de Abril, atraíu um grande público ao Art-Pálace de S. Paulo. Espontâneamente, sem preparação, foi transformada em uma noite de gala, à maneira das grandes estréias de Hollywood. O filme apresenta a vida de Zequinha de Abreu na maneira romântica, também à maneira americana, bastando dizer que Anselmo Duarte faz o protagonista. A platéia estava contente também porque o Brasil acabava de levantar o campeonato pan-americano. Começava o dia da comemoração de Tiradentes e parecia um símbolo para o nosso Cinema. Os artistas brasileiros são verdadeiros ídolos.

Teria agradado o novo filme da Vera Cruz que levou mais de um ano para ser terminado e custou oito milhões de cruzeiros?

As opiniões se dividiam. O Cinema Brasileiro está cumprindo o seu programa. Restam os exibidores inaugurar mais e melhores casas para garantia das nossas produções, aqui mesmo, dentro do nosso mercado.



E não havia tempo para os autógrafos...



Tônia Carrero chega acompanhada por Adolfo Celli, o diretor do filme e antigo ator de alguns filmes italianos.



Procópio, entre Hamilta, Osvaldo Sampaio e Adalardo.



Fred Kehlman, Cacilda Becker e Maurício Cardoso representam o Teatro Brasileiro de Comédias.



Ziembinsky, Piolin, Tônia, Marisa, Fernando e Anselmo foram aclamados no palco.



Fernando de Barros, Adolfo Celli, Marisa Prado e Ademar Gonzaga.



Ricardo Montalban é Assim...



Quando Ricardo estêve no Rio, êste alegre e excitante «fandango»...

ÊLE é um latino verdadeiro — mas tem o sabor e a emoção de um alegre "cocktail-party" em New York. Todo o "charme" europeu dos seus antepassados espanhóis, a altiva dignidade de um príncipe dos Incas, o ritmo e a alegria de um cantor do povo mexicano!

Seu nome é Ricardo Montalban — um dos atores jovens mais talentosos do México e o mais ardente galã do cinema da América.

Êle quis ser um toureiro, aos sete anos de idade. Acha Acapulco, com suas areias e sua beleza rústica, uma das cidades mais encantadoras do mundo. Não se sente à vontade em cidades pequenas. Gosta de edifícios altos, Rockfeller Center com a multidão em movimento, o rumor do "subway". São coisas que o emocionam. Assim como pensar na engenharia que construiu tudo isto.

Diverte-se lendo histórias de quadrinhos — acha Tarzan muito emocionante e ri às gargalhadas do Pato Donald. Mas seus filhos preferem Hopalong Cassidy.

Êle tem três Montalbans: Laura, Mark e Anita. Breve haverá um quarto... e um dia, talvez, terão 6! Nada o faria mais feliz do que uma família grande. Acredita em noivados longos e cerimoniosos. E gosta de casamentos de luxo. Mas apaixonou-se por uma pequena, vendo seu retrato na revista. Ela era um modêlo. Êle casou-se com ela duas semanas depois de a ter conhecido. E ainda acha, hoje, que é a garôta mais bonita que já viu.

Já foi um sujeito que se aborrecia por tudo. Hoje, sacode os ombros e culpa o destino. Mas gosta muito dêsse destino — "que tem sido muito bom para êle!"

Foi o destino que lhe deu como diretor, quando estava filmando no México, Norman Foster. Foi o destino que fêz do diretor o seu cunhado. Foi o destino quem determinou que a pequena por quem êle se apaixonou, pela fotografia na revista, fôsse Georgiana Young, a irmã de Sally Blaine, por sua vez a espôsa do diretor Foster — que fôra ao México visitá-los. Foi o destino que levou um produtor de Hollywood, Jack Cummings, a procurar um jovem latino do outro lado da fronteira, para o primeiro papel em "Festa Brava".

— Está vendo? Por que me preocupar? Acredito no destino com todo meu coração.

Não gosta de bôlo de chocolate, mas é louco pelo "ice-cream-soda" de chocolate americano. E' um grande apreciador dos animais. Os gatos siameses deixam-no simplesmente fascinado. Parecem crianças. Mas não gosta de gatos em geral, pois são misteriosos e independentes. Gostaria de ter seis cães. Mas no momento não tem nenhum.

Êle gosta de alho na comida. Na verdade, adora tôda espécie de comida: exótica, muito temperada e muito variada. Acha que os americanos comem com os olhos... a mesma coisa o tempo todo. Mas em geral almoça um bom bife com batatas fritas à francesa.

Tem cabelos castanho-escuro, olhos pretos luminosos, pele azeitonada e os dentes mais claros que já se viu. Gosta de dirigir seu carro em grande velocidade. E' louco pela velocidade. Mas não pode nem pensar em viajar de avião. E' uma coisa que o deixa doente!

Só joga cartas num trem... mas nunca com estranhos. Não linha a romances modernos, mas gosta de ler histórias de aventuras, livros sôbre a vida e os hábitos dos animais, "Romeu e Julieta" ou "Júlio César" de Shakespeare... romances de autores espanhóis. Não admite nem a hipótese de uma caçada — acha uma crueldade matar animais a sangue frio. Mas é um admirador ardoroso das touradas, que chama de "espetáculo magnífico"!

Recusará sempre "mayonnaise" em qualquer refeição. Adora música. Até mesmo japonêsa... no México, tinha por vizinho um dentista nipônico que tocava discos o dia inteiro. No princípio, êle não suportava aquêles sons estranhos. Mas acabou acostumando... e mesmo achando fascinante!

Tem uma discoteca de quase 600 discos e toca-os o tempo todo. E' louco por cantores franceses como Charles Trenet, Jean Sablon, Edith Piaf... e toca o "Pagliacci" cantado por Caruso, todos os dias antes do café.

E' um hipocondríaco, mas recusa tomar remédios. E acha que tem um motivo. "Imagine se eu um dia me achasse numa ilha deserta?" Não admite nem mesmo uma pílula de vitaminas.

Êle dança como um sonho... mas nunca teve uma só lição em sua vida! Sua especialidade: rumba, tango e tôdas essas danças folclóricas mexicanas. Acha uma graça enorme ter começado como um sério ator dramático no México — e depois se transformar num romântico galã de comédias musicadas na América. Chegou mesmo a tocar piano em seu primeiro filme ianque: "Fésta Brava". Um verdadeiro concêrto de Copland. Êle praticou seis horas por dia, durante meses, para aprender apenas a fazer os movimentos com os dedos. A música no filme foi tocada por outro pianista.

Êle gostaria de ser um Iturbi. Nunca está aborrecido ou cansado. Sua energia é sem limites. Seu entusiasmo tem o efeito de mágica. Gosta de divertir seus amigos, tocar discos espanhóis até tarde da noite e odeia ver o sol raiar. Tem o físico de um atleta. Acontece que é um dos melhores: monta a cavalo como um jóquei. Mas nunca vai às corridas. A espera é muito longa entre um páreo e outro.

Acha que Jane Powell tem a voz mais bonita do cinema. Não gosta de ver lutas na televisão. Mas é louco pelo box e sabe jogar muito bem. Considera Sugar Ray Robinson um dos melhores do mundo.

Seus amigos o chamam de "Ricky" e sua espôsa de Ricardo. Apesar de ter a audácia de um D. Juan, é na verdade tímido e cerimonioso como um jovem seminarista. Sòmente depois de um ano de casado, teve a coragem de chamar sua cunhada, Loretta Young, pelo primeiro nome. Era sempre "Madame Lewis". Não tem um grande guarda-roupa. Não gosta de fazer compras. Fazendo o balanço, tem 12 ternos, 8 pares de sapatos, 35 gravatas tôdas em côres firmes e algumas gravatinhas de laço. Mas nem um só chapéu.

E' um admirador do sol, a chuva não o detêm. Gosta de caminhar nela o dia todo — e passa a noite com mêdo de um resfriado. Sonha um dia tocar guitarra, construir móveis. Aprecia mecânica. Gosta de desmontar máquinas e montá-las de novo. Garante que não sobram peças.

Acha que a ponte de Brooklin e a de S. Francisco são os dois mais brilhantes projetos de construção que já viu. E fala com autoridade, pois quis estudar engenharia, antes de ser artista. Começou na Fairfax School da Califórnia, onde viera do México estudar. O professor sugeriu que o mexicano tomasse parte numa peça de amadores, para vencer o seu mêdo de falar inglês. No ano seguinte, êle teve o papel principal. O rapaz esqueceu as pontes. Gostou das emoções do teatro: a noite de estréia... os aplausos... as vaias... tudo maravilhoso. Êle ainda hoje gosta.

E' talvez o mais atencioso e gentil dos atores de Hollywood. Mas nunca se lembra do aniversário da espôsa. Por isto toma nota das datas numa caderneta... para não esquecer mais nada. Mas uma coisa êle continua esquecendo: o número do seu telefone.

Não gosta de pintores modernos, de música moderna, de móveis modernos ou dos métodos modernos de criar as crianças.. Acha que os filhos devem aprender a ter, não só amor, mas respeito aos pais. Adora crianças, mas não suporta traquinas ou manhosos.

Gostaria de ter dinheiro bastante para correr o mundo todo. Já estêve em vários lugares. Acha Paris definitivamente "uma cidade feminina com flores nos cabelos"... Buenos Aires uma cidade de dignidade e fascinação... e o Rio de Janeiro alegre e excitante como um "fandango" espanhol!

Êle aprecia discutir religião e política. Por que não? Quem não expressa opiniões não pode trocar idéias... Vai à missa todos os domingos, é católico fervoroso e vive sua vida segundo sua fé. Interessa-se entusiàsticamente pelos seus semelhantes, daria a vida por um amigo e fica completamente desiludido quando os "amigos" nem sempre são amigos. Jura ser mais cuidadoso nos julgamentos futuros, mas nunca é.

Impetuoso como um cãozinho e corajoso como um leão. Mas quase foi derrubado por um, pertencente a Talullah Bankhead. Seu agente levou-o, certa vez, ao aparta-

(Cont. na pág. 34)

SEMANA DO RÁDIO





Na noite da estréa de Agustin Lara, vendo-se ao centro a can tora Elza Larangeira, Francisco Carlos (estava com "A CENA"), o cantor dos brotinhos, a pequenina muito grande Isaurinha Garcia e Neide Fraga

REALIZOU-SE no dia 16 do mês passado, no terraço da A. B. I. o "sorvete" oferecido a Imprensa pela "Associação dos Rádios-Ginastas" como parte integrante das homenagens que se estão se realizando por motivo o 20º aniversário da "Hora da Ginástica", fundada e dirigida pelo Professor Oswaldo Diniz Magalhães.

A reunião transcorreu em meio a maior cordialidade, tendo sido o Professor Oswaldo Diniz Magalhães saudado e entrevistado através da onda da Rádio Globo pelo diretor dessa emissôra, Rubens Amaral. O entrevistado fêz um relato da luta inicial na antiga Rádio Educadora de S. Paulo onde foi criado o programa a 16 de maio de 1932, depois se referiu a sua passagem pelas Rádios Mayrink Veiga, e Nacional e, finalmente, à sua atuação pelo microfone da Rádio Globo, onde se encontra ha mais de seis anos. Seu objetivo não somente o de cuidar da saúde do corpo, mas também da do espírito.

Foi também alvo de especiais referências o pianistas Jorge de Souza Paiva que desde 1933, acompanha o Professor Magalhães.

A T. V. Tupi televisionou a festa.

Isis de Oliveira, tão querida e apreciada pelos que ouvem a Nacional, nasceu no Estado do Rio, e portanto não é daqui... é de Niterói. Mas pertence ao rádio carioca e já conquistou os aplausos de quantos a conhecem como uma das melhores rádio-atrizes do nosso "boadcasting". Atua desde 1937 e é, portanto, uma das mais antigas, não obstante estar ainda em plena mocidade.

★

Ademilde Fonseca começou sua vida radiofônica em 1942, no Rádio Clube. Desde logo se viu que a menina tinha talento e era capaz de muita coisa. Hoje é um valor positivo de nossa música popular, cantando um gênero dificílimo, o chorinho, ritmo tradicional da música popular brasileira, que exige agilidade vocal e rapidez de dicção. Pois Ademilde vence tudo com admirável facilidade, com aquela graça espontânea que ninguém aprende. Quem é bom já nasce feito. Atua na Tupi, com a qual reformou contrato, mas outras rádios andam querendo o seu concurso que é valioso.

★

A Mayrink Veiga está se preparando para uma grande ofensiva... radiofônica. E conta com uma linha avançada de produtores, entre os quais se encontram Antônio Maria (que veio da Tupi), Aloísio Silva Araújo (o recruta 23), Edgard Alves, Alexandre de Souza, Otávio Augusto Vampré e Jaime Faria Rocha.

★

Silvino Neto iniciou-se no rádio, em S. Paulo, como cantor e autor. Transportou-se, depois, para esta capital, em 1938, e começou a se dedicar ao humorismo, com a criação da "Pimpinela". Criou depois outros tipos, muito interessantes, porque possui uma facilidade espantosa em usar, no mesmo momento, várias vozes, em diálogo, sem esquecer das características cômicas de cada uma. O "seu Januário", o "Waldemar" e o "Anestésio", ganharam popularidade. Um de seus números mais engraçados é a "Pimpinela e o telefone". Silvino Neto é popularíssimo e, talvez por isso mesmo, foi-lhe fácil conquistar uma cadeira de vereador na Câmara do Distrito Federal. Não só, foi mesmo o candidato mais votado. Silvino Neto é humorista cem por cento, mas como vereador é outro homem, e exerce o seu mandato com o rigor que se faz necessário. Como radialista está atualmente no Rádio Clube, onde apresenta o programa "Campeões do Ar".

MUITO se tem falado em fazer música para o povo, nos gostos e nas preferências do povo. Mas, no "broadcasting", o povo é obrigado a aceitar o que lhe dão para ouvir. E a prova é que, muitas vêzes, um programa que está sendo ouvido com agrado, é cancelado repentinamente e substituído por outro completamente diferente.

A mudança de um diretor artístico em uma emissora determina, quase sempre, transformações radicais na programação, mesmo que os ouvintes da estação não se estejam queixando. As radiodifusoras têm, além de outros meios para avaliar o agrado com que o povo recebe seus programas, o telefone, a correspondência e o comparecimento dos auditórios.

Mas, a não ser o telefone, que vai mais diretamente ao artista, ao locutor, ao produtor, a correspondência e o comparecimento aos auditórios, são, muitas vêzes, motivados pelo desejo de obter prêmios, quase sempre tentadores. Desta forma, os diretores de estações de rádio têm uma grande responsabilidade na confecção de seus programas, e deviam ter sempre a preocupação de fazer rádio instrutivo. Não se pode negar que existem muitos programas educativos e de curiosidades muito úteis aos ouvintes. Mas ainda é pouco. Desta coluna dee "Semana do Rádio" insistiremos sempre neste apêlo, para que as emissoras dêm ao povo, um mínimo de música chula, de chanchadas rádio-teatrais e de intérpretes que, aos auditórios e aos que estão em convívio com êles no estúdio, podem ser muito agradáveis, mas que, ao público que os ouve em casa, sem lhes ver a indumentária nem o agrado físico ou o trato cavalheiresco e simpático, nada representam de interessante. E' um êrro pensar que o povo gosta de qualquer coisa, desde que seja bem apresentada. A boa apresentação realmente ajuda, mas o programa acaba cansando e o ouvinte move o "dial" em procura de outra rádio. Neste caso estão os programas de discos que, diàriamente tocam as mesmas músicas, pelos mesmos intérpretes e, naturalmente, com os mesmos anúncios. E o público liga sempre o receptor à espera de algo diferente. Dizem que a intenção é a de fazer propaganda do disco para ajudar os cantores e os autores. Muito justo. Mas então é preferível fazer o elogio da produção aconselhando o público a adquiri-la do que estar irradiando-a à tôda hora, a ponto de se tornar insuportável ouvi-la. Aí então desaparece completamente, e assim se torna enfadonha uma música agradável. E' preciso pensar que o público ouvinte está sempre à espera de algo novo que mereça a sua atenção.

MAX MINO



José Nicolini informa ao Repórter que depois de Agustin Lara e sua orquestra, outras grandes atrações movimentarão a programação da Rádio Cultura que breve iniciará suas transmissões de Televisão



As pernas mais bonitas do México vieram interpretando bolero em dança clássica. As uvas também dançam...





Agustin Lara e o seu piano... A sua vida... A sua maneira de tocar é conhecida desde o filme «Pecadora», meses em cartaz. Agora voltou o filme «Perdida», onde também se ouve o seu teclar...



Fãs de todos os sexos, de todos os países e de tôdas as idades...



Lolita e A CENA se encontram.





Consuelo é a intérprete da maravilhosa inspiração de Agustin. Letra e música dêle. As palavras falam com um lirismo delicado, e a música se imprime na memória do povo. «Si no sabes vender el corazon», bobagem do destino tornar-te pecadora. O grande amor de Agustin Lara foi muito «felix». Mas o destino fê-lo mudar de afeição e muitos atribuíram as melhores páginas de suas músicas à inspiração do grande acontecimento amoroso. O empresário que o trouxe arriscou um contrato astronômico, pagando ao compositor milhões de cruzeiros. Adquiriu, porém, o direito de explorá-lo, em «boites», no rádio e na televisão.

CUQUITA CARBALLO, de novo, no Brasil

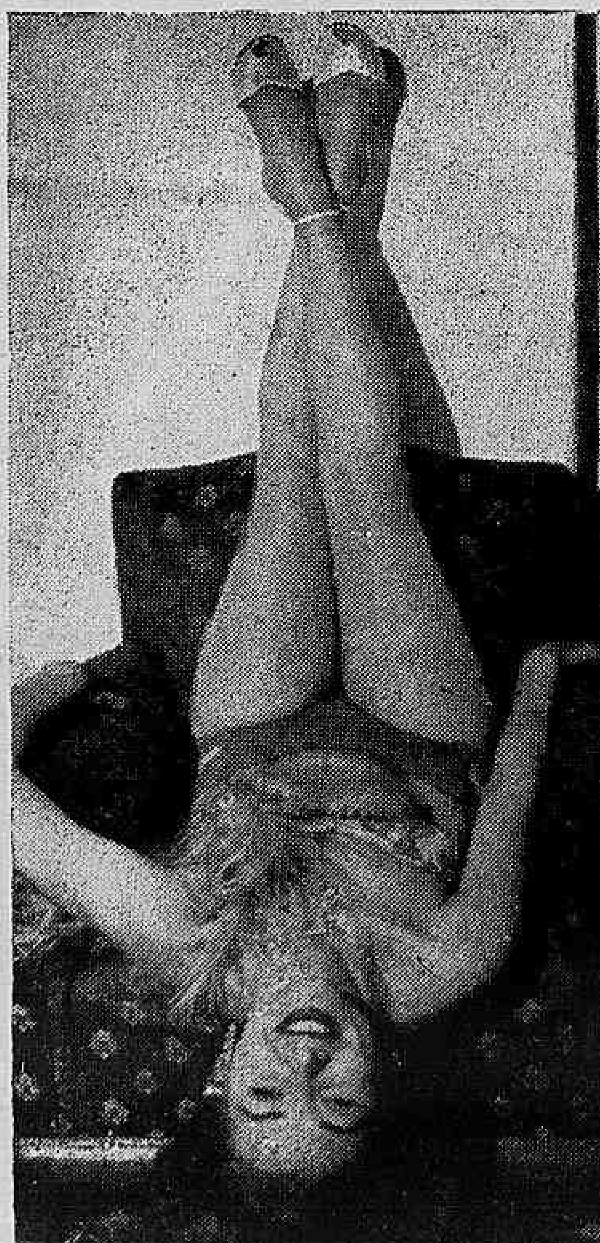




Nós já a vimos em «Carnaval no Fogo» (pudera!), «Aviso aos Navegantes» e já vai fazer outra na Atlântida. Sem contar aquela televisão de «Barnabé, tu és meu»...



Cuquita e seus colegas Fernando Albuerne, o cubano dos boleros, e Helena de Torre, a voz dulçurosa... que estão no rádio, televisão e boites de S. Paulo. Cuquita não gostou de a terem aproveitado em «Barnabé», mas ela não é de briga...





Primeiro Congresso Paulista de Cinema Brasileiro



Modesto de Sausa dá um show e diz coisas sérias sôbre Cinema Brasileiro, como quem diz: «Jackson, teu pai é muito grande» e Jackson, que não se esconde na sombra do pai, pensa: «Filho de peixe...»

COMO *avant - première* do Congresso Paulista de Cinema, realizou-se no Circo Seyssel uma reunião de alguns elementos que trabalham no Cinema Nacional, ou que formam na torcida da "nossa" Sétima Arte.

O programa do Show de abertura, a repetição da entrega de prêmios aos "Melhores de 51" selecionados pela ABCC. A ausência de alguns astros foi motivada por fôrças maiores patentes.

Iniciaram-se as contribuições. O Congresso tem um temário bonito, um sem número de teses visando a melhoria do cinema indígena. Quase todos os que lidam com cinema em S. Paulo tomaram conhecimento do conclave.



Jackson de Sousa, mestre de cerimônias, empunhando a taça, tece elogios a Eliane Lage, a Rainha do Cinema (God save the Queen).

Há os que pensam que a melhor contribuição é o trabalho silencioso junto às câmaras, isto é, na prática. Outros julgam o certame prematuro.

Mas da discussão nasce a luz e talvez algo resulte de útil das numerosas palavras que serão pronunciadas.

O decreto de oito por um será examinado sob todos os aspectos. Serão propostas modificações. (Surgem aqui os que acreditam que êle já tem mais modificações que tempo de existência. E há também os que lembram os programas de ensino secundário, ineficazes porque modificados cada trimestre).

De qualquer maneira o Congresso vasculhará todos os cantos e sugerirá muita alteração.

E como se trata do Primeiro Congresso, fica-se sabendo que outros se seguirão. Deve-se acrescentar, no temário, um parágrafo que disponha, desde já, sôbre as modificações dos próximos congressos...

Abilio Pereira de Almeida acha que o melhor congresso são filmes com qualidade e atração que dispensem os decretos protetores ùnicamente com a preferência do público. Quando o público espontâneamente preferir os filmes brasileiros, sua programação será automática.

Sim, mas há casos de filmes de sucesso, preferência de público e não são exibidos. E quando exibidos, sorte de leão para o exibidor...

Alguns jornais paulistanos acharam que houve falta de cineastas no congresso e que Mario Civelli, com sotaque e tudo, brilhou.

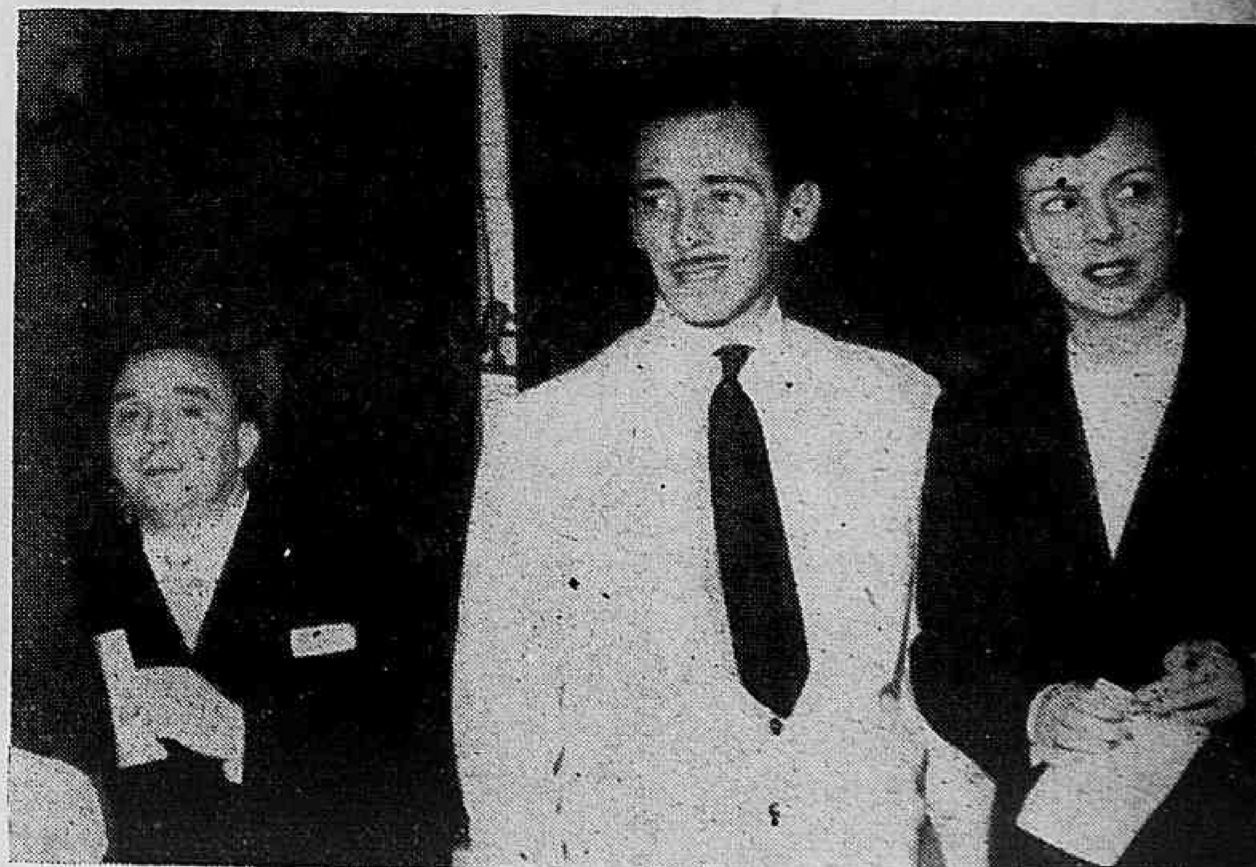
O que houve foi falta de gente experiente, sob o ponto de vista comercial, e que conhecesse bem as várias maneiras de sabotar as leis de proteção ao nosso Cinema, ao qual, não se iludam, não bastam apenas os bons filmes. E' absolutamente necessário um apoio forte e decidido do govêrno, como existe mesmo nos Estados Unidos. As nossas casas de exibição, na maioria de "*má qualidade*", repetimos, exibem os bons filmes, mas não querem dar os "bons lucros" para o produtor.



Eliane Lage, Osvaldo Sampaio e sua noiva, e Ziebienski (Vera Cruz no Congresso).



Alfredo Palácios e Raquel Martins representam a Maristela (Simão, o Caolho); Margot Louro representa Oscarito (continua na Atlântida).



Arrelia, palhaço de circo mas também advogado, Armando Couto e Ludi veloso. (Êles, «Modêlo 19»; ela, «Nadando em Dinheiro).

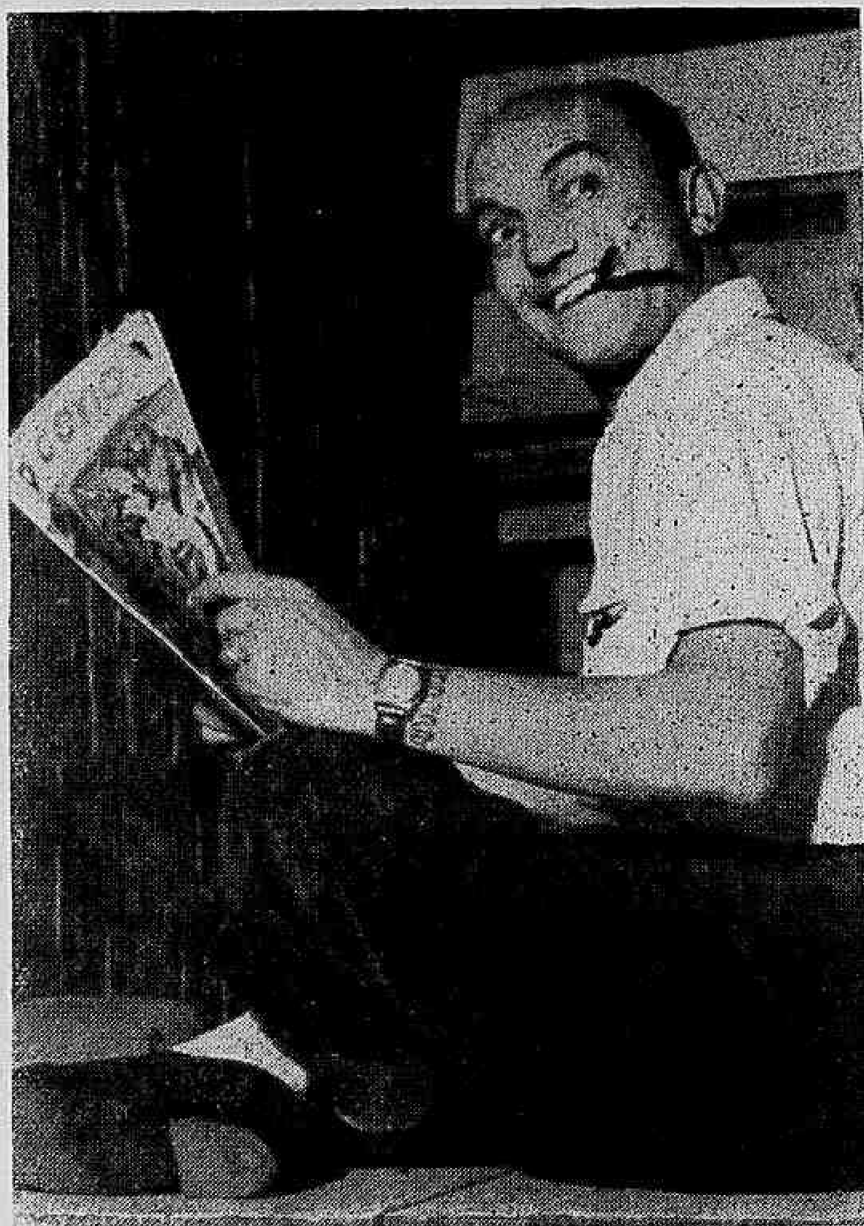




Palitos, que firmou a sua carreira artística no Brasil.

Figuras da Cia. Argentina de Revistas. Telma Carlo, a conhecida estrêla do Teatro e do Cinema de Buenos Aires. Em baixo, Graziela Duncan que valoriza o quadro «Al fin solos...»





A CENA é uma revista familiar para Palitos. No Brasil, êle foi o principal no primeiro filme falado de grande metragem, «A voz do Carnaval», da Cinédia. Ao lado, as irmã gêmeas Castilla que são torcedoras do River até debaixo d'água.



PALCO GIRATÓRIO

ESCLARECIMENTO

MUITA gente do meio teatral e fora dêle tem me indagado ùltimamente: "quando é que você e o Colé estreiam no teatro Alaska?" Outros me cumprimentam pela iniciativa que virá dotar o Rio com mais uma casa de espetáculos, moderna, ampla e com refrigeração. E a todos sem exceção — êles aí estão como prova — eu sempre tenho respondido que o negócio ainda estava por ser fechado, que dependia ainda de muita coisa, que estávamos fazendo fôrça, etc. Mas creio que chegou a hora de esclarecer, uma vez por tôdas, em que pé estão as coisas, diante de um intempestivo gesto de um banqueiro que sempre foi político e por isso mesmo tem sempre conseguido misturar os negócios com os interêsses políticos. Trata-se do sr. Henrique Dodsworth, atualmente Presidente do Banco da Prefeitura e que durante o longo tempo em que foi prefeito do Distrito Federal demonstrou o seu interêsse pela classe teatral mandando destruir alguns teatros desta capital.

Antes de tudo, convém esclarecer que os pretendentes ao Teatro Alaska, destinado pelos seus proprietários para Cinema, foram desde o início a minha espôsa, Renata Fronzi Ladeira, e Colé. Apesar de sermos casados com separação de bens, é justo que eu auxilie minha companheira em tudo e por tudo, inclusive dando-lhe assistência em todos os seus encargos artísticos, e especialmente neste caso. Estava, pois, como estou, alheio ao financiamento por ambos pretendido do Banco da Prefeitura para a compra, em bases hipotecárias, do imóvel do teatro de Copacabana. De início, pensou-se em alugar a sala de espetáculos e os proprietários nisso estavam interessados, mas diante da idéia do Presidente da SBAT, o vereador Magalhães Júnior, fomos por êste levados ao sr. Dodsworth que nos declarou receber a idéia com simpatia e achava viável estudar-se o negócio, já que é um dos fins daquele banco a ajuda à construção de teatros no Rio de Janeiro. Dias depois lhe era entregue tôda a documentação necessária, assim como o pedido de financiamento assinado por minha espôsa e Colé, nas mãos do sr. Dodsworth, e nessa ocasião, com seu consentimento, foram batidos dois flagrantes fotográficos por um fotógrafo especialmente contratado pelos proprietários do imóvel, com o único fito de divulgar-se através da imprensa do alcance da iniciativa, caso aprovado pelo banco. De fato, alguns dias mais tarde, o "Diário da Noite" e "O Globo" estampavam, como matéria paga, duas notas sôbre o empreendimento, acompanhadas pelas fotos tiradas naquela ocasião. Idéia e realização levada a efeito pelos proprietários da sala de espetáculos — a publicação das referidas notas em nada prejudicava a ninguém, pois ali se noticiava simplesmente os fatos, ressaltando-se que para a efetivação do negócio só estava faltando a aprovação do financiamento pedido. Pois muito bem, o sr. Dodsworth veio a público, logo após, para declarar que a notícia era falsa divulgando um financiamento não autorizado e que a fotografia fôra tirada com outro objetivo, e visando ùnicamente a minha pessoa. Lastimável que um homem público da responsabilidade do sr. Henrique Dodsworth não se acanhe de atirar lama na reputação de quem, por um dever de cortesia elementar apenas acompanhou sua espôsa no ato de entrega de seu pedido de financiamento. Para que procurar descobrir outros objetivos na publicação das referidas notas, a não ser o natural desejo de todos, compradores e vendedores, e em última análise, o público, pela realização de tão importante iniciativa? Afinal de contas, o sr. Dodsworth continua com a faca na mão e o queijo à sua disposição. Bastava polidamente, já que êle mesmo se considera um "gentleman", desmentir o financiamento. E assim se conta a história de um teatro em Copacabana, que talvez nunca chegue a ser inaugurado e se incorpore à cadeia de cinemas de algum consórcio poderoso.

CÉSAR LADEIRA



Na noite da estréia de «O... Magnífico», de Crommelynck. Graça Melo e Lídia Vani, amam-se como Bruno e Stella, num «Cocu» absolutamente romântico. Aqui preparam-se para entrar em cena.



Zeni Pereira e seu filho Edi. O Teatro é trabalho de equipe, mecanismo de relógio, onde a menor peça é indispensável — diz Graça Melo, que conclui: «O Teatro no Brasil existirá enquanto houver... loucos...»



Graça Melo, melhor diretor de 51, segundo o S.B.C.T., orienta Ibanez Filho e Luciano Maurício.

COISAS QUE AGRADAM...

1 O êxito obtido por Geysa Bôscoli com sua nova revista "Você é que é feliz, primo!".
2 Saber que Bibi está preparando, com carinho, a montagem de "Madame Bovary".
3 A iniciativa do jornalista e autor Ney Machado em tornar-se empresário no Alvorada.
4 O sucesso de "Eu quero sassaricá" em São Paulo.
5 O ato do Chefe do Govêrno perdoando a dívida dos empresários para com o IAPC.

COISAS QUE DESAGRADAM...

1 Ver um grande elenco, como o do Carlos Gomes, tão mal aproveitado.
2 A má vontade da Censura Teatral com os empresários Juan Daniel e Mary Lopes.
3 A "onda" motivada pelo artigo de um diretor teatral refutando críticas sôbre seu trabalho.
4 A atitude de Príncipe Maluco abandonando a companhia do Follies, no dia da estréia.
5 O estrêlismo de certas pequenas que começaram ontem e já se julgam as "maiores".



Arte, o ambiente de Eliane Lage.

eliane lage, "sinhá moça"...

Assim se diria nos tempos que já lá vão: "Com voz muy louçana, fala a fremosa Eliane..."
Hoje diz-se assim: Eliane é naturalmente agradável. Suas maneiras, simples, cativam. Seu sorriso constante ilumina a conversa estimulando o interlocutor.
Não se moldam suas atitudes na amabilidade profissional mas emanam da sua própria personalidade. — Temos encontrado sempre Eliane Lage vestida com a máxima sobriedade, como quem prefere ficar à vontade ao cativeiro de roupas mais complicadas.
Outra coisa que a gente sente ao praticar com Eliane é a presença de Tom Payne. — Mesmo que Tom Payne esteja longe. — Mesmo que ela não se refira a "meu marido" Tom está alí. — Eliane nos transmite essa impressão.

O casal vive hoje inteiramente às voltas com o próximo filme: "Sinhá Moça". — Estão na fase mais difícil, a do preparo, estudo, planejamento. — Tom tem lido muito, visitado museus, labotando. — "Sinhá Moça"passa-se no fim do século 19, quando o Brasil era diferente...
Tom Payne, em suas pesquisas, tem encontrado a colaboração de Osvaldo Sampaio. — Ambos vasculharam até os porões do Museu do Ipiranga, perscrutando alfarrabios e amarelecidos documentos.

E' preciso reconstituir na fita a época do Brasil Império, com escravos e preconceitos, poetas e veículos de tração animal. Quando a Europa ficava muito mais longe (mais de mês de viagem) e as notícias chegavam por estafetas comparáveis a tartarugas se lembrarmos o rádio, o avião, televisão, telefotos e outros fatos e inventivas hodiernas.
"Sinha Moça" utilizará dois mil extras.
As roupas e hábitos serão reconstituidos.

Eliane Lage age nesse setor de pesquisas examinando tudo que possa lembrar o passado. Em seu jeep rodou até alcançar um recanto pitoresco de palmeiras imperiais, junto a um lago com monjolo e casebre reminiscente dos dias da escravidão que quase um século pôs para trás.

Eliane fará o papel principal repetindo os sucessos de "Caiçara", "Ângela" e "Terra é Sempre Terra".
Desejamos a **"muy fremosa Eliane" êxitos** "ygualmente ou **mays" marcantes** que os anteriores no seu próximo filme: "Sinhá Moça" reconstituição de uma época passada. Bons tempos. Bom filme?







Do alto para baixo: o sol que iluminou os dias de Pedro II, iluminará as filmagens de «Sinhá Moça»... — Eliane, seu Antônio Miro e o repórter. Miro, fã de Eliane, é o Prefeito da Cidade que vai aparecer no filme e que foi construída para o «Tico-Tico no Fubá». — Palmeiras imperiais, centenárias, testemunhas da época que Tom Payne quer reviver no filme...



Dick Farney cantor internacional...

Escreve **RAMALHO NETO**

ERA costume aos sintonizadores da Rádio Cruzeiro do Sul, por volta do ano de 1936, ouvirem um rapaz que cantava dolentes foxes-blues na "Hora Juvenil" daquela emissora. Êste rapaz um tanto tímido que até então apresentava-se sòmente em programas juvens e em festinhas familiares, viria a ser mais tarde o famoso Dick Farney internacionalmente conhecido e aclamado.

Sua carreira teve início quando tomou coragem, incentivado pelos amigos, a levar um de seus acetatos para César Ladeira ouvir, naquele tempo diretor da Rádio Mayrink Veiga. Ladeira custou a acreditar que aquela voz pertencesse mesmo a Dick Farney (peseudonimo dado pelos seus colegas no ginásio) que aguardava a reação do então diretor da P. R. A. 9. César Ladeira ainda duvidando que fôsse Dick Farney então Bing Crosby, solicitou que êle cantasse alguma coisa ao piano. Êle ouviu, estava desfeita a duvida, de fato era do Dick a voz daquele disco que acabara de ouvir. Dick Farney nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, no dia 14 de novembro de 1921, contando portanto atualmente 30 anos. Desde muito cede interessou-se pela música, devido ao ambiente em que vivia. Tôda a família de Dick Farney é de artistas. Dick tirou o curso de Teoria Musical no Instituto Nacional de Música. Exibiu-se por muito tempo no Cassino da Urca, mas até então interpretando sòmente foxes. Alberto Ribeiro e João de Barro pouco depois andavam a procura de uma voz nova que pudesse dar colorido ao samba, para cantar "Copacabana". Encontraram em Dick Farney o intérprete perfeito. Dick relutou por algum tempo em gravar, alegando que o seu gênero não era o sambo, mas aos poucos os dois compositores foram convencendo a Dick que deveria tentar êste novo estilo. Dick gravou, "Copacabana" bateu recordes de vendas em todo o Brasil. Seu estilo "relax", sua voz grave e agradável aliada a uma orquestração até então nunca empregada em samba, criou uma escola e um estilo que iria ser seguida mais tarde por cantores de renome e por outros que iam aparecendo, inclusive algumas cantoras que também aderiram ao samba-canção orquestrado, cientes que a época das cuicas, dos tambores e dos regionais já tinha passado.

Outras gravações vieram como "Marina", "Um cantinho e você" e várias outras e em cada uma delas um novo sucesso. Realizando um antigo sonho, Dick Farney embarcou para os E. Unidos em uma manhã escura e chuvosa, como se até a natureza estivesse triste com a sua partida. Poucos dias depois de sua chegada a pátria de Roosevelt, visitando os estúdios da National Broadcasting Company, foi convidado à cantar para um grupo de pessoas reunidas em um dos estúdios de ensáios daquela potência radiofônica. Sentou-se ao piano e cantou "I don't know why", estando os alto-falantes ligados, o som chegou até a sala dos diretores da N. B. C. que ficaram anciosos para conhecerem o dono daquela voz que possuia um não sei o que de diferente. Foram até aos estúdios e pediram a Dick que repetisse, imediatamente foi-lhe oferecido um contrato para trabalhar no Phillip Morris Show da N. B. C. de Nova York e na N. B. C. Television de Hollywood. Dick Farney que fôra apenas como um turista aos Estados Unidos, viu-se de um momento para outro transformado em uma das maiores atrações da N. B. C. Diversos concursos foram instituidos, oferecendo prêmios para quem melhor definisse a voz de Dick Farney. A crítica americana foi unânime em aplaudir Dick Farney, qualificando-o de "O Bing Crosby brasileiro", "O trovador" etc. A revista "Times" em um de seus números apontou Dick Farney como sendo um dos seis cantores mais promissor da atualidade. Como era natural, Dick Farney foi logo assediado por diversas fábricas gravadoras que lhe ofereciam vantajosos contratos. Aceitando um contrato da Majestic Records, Dick foi um dos primeiros a gravar melodias de sucessos como "Too marvelous for words", "Tenderly", "How soon", "I wish I didn't love you so" e muitas outras inclusive "Copacabana" e "Marina" estas duas últimas em inglês e português, acompanhado pela orquestra de Paul Baron, um nome bem conhecido no meio musical dos Estados Unidos. Todos os programas de Dick Farney na N. B. C. foram acompanhados pela orquestra regida por Ray Bloch.

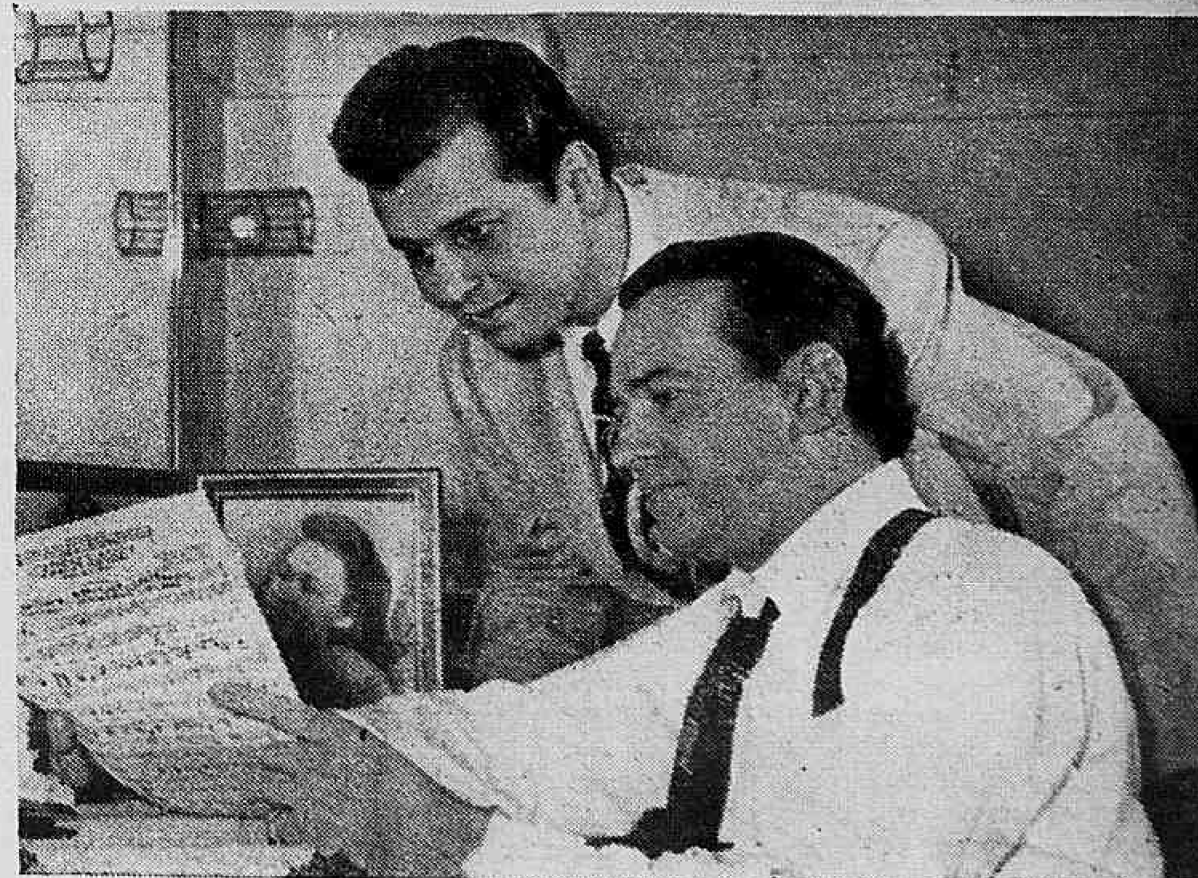
O nome de Ray Bloch e boa música são sinònimos. Sua vida está cheia de música. Desde criança Ray Bloch cantava em côros. Com 10 anos, êle tocou com uma orquestra de danças e mesmo organizou um pequeno conjunto próprio. Esta contínua associação com a música popular deu a Ray Bloch um profundo conhe-

(Continua na pág. 32)









Do alto para baixo: Dick e o conjunto vocal Skylarks — Num bate papo com Frank Sinatra, após a transmissão do «Hit Parade» — Ao lado de Nat «King» Cole — Num encontro com Jimmy Dorsey



o casamento diminuirá a popularidade de ava gardner ?

O melhor amigo de uma estrêla é a publicidade. Nesta frase suscinta, mas eloqüente, um famoso produtor de Hollywood resumiu o problema que Ava Gardner está neste momento enfrentando. O que significará para sua carreira o seu casamento com Frank Sinatra?

Inimigo número 1 da imprensa do país, ex-ídolo das garôtas, antigo astro da Metro, Mr. Sinatra, para desapontamento de amigos e inimigos, revelou-se o cavalheiro que está empurrando o seu futuro para trás. Sua virulenta (e às vêzes violenta) antipatia para com os jornalists de ambos os sexos, valeu-lhe o ódio de tôda a imprensa dos Estados Unidos. Todos os periodistas, poderosos ou fracos na pena, registrando os fatos da nação, acham difícil escrever alguma coisa simpática sôbre Frank. Antes, muitos procuravam suavizar as notícias a seu respeito. Hoje, é voz corrente que Sinatra considera os jornalistas como "lixo". E o "lixo" passou a registrar os fatos acontecidos ao galã-cantor tal qual se verificaram na vida real. E quem é o único culpado? O senhor Sinatra, é lógico.

Mais do que em qualquer outro momento de sua carreira, Frankie tem demonstrado seu antagonismo para com a imprensa de uma forma quase maníaca. E basta isto para destruir a popularidade de qualquer artista aos olhos do público. Basta isto para mandar Mr. Sinatra para trás, com uma velocidade que o seu progresso nunca atingiu. E se isto acontecer (aqui está a pergunta importante que vale um milhão de dólares) levará êle Ava Gardner consigo? A pergunta é considerada valer "um milhão de dólares" porque, neste momento, Ava está numa tal onda de popularidade que poderá lhe dar essa soma de dinheiro, dentro de 5 anos, se souber jogar os seus trunfos com inteligência. Assim garantem os peritos de Hollywood. Mas... saberá ela?

Ava Gardner navega numa onda que poderá levá-la mais longe e mais alto do que qualquer outra estrêla do cinema. Mas é também uma onda que poderá envolvê-la e afogá-la, se a jovem artista não souber manejar o seu leme com astúcia e inteligência. Com Frank Sinatra como marido, para amá-la, guiá-la e respeitá-la, sòmente o tempo dirá se a viagem para o futuro será em mares calmos ou bravios.

De hoje em diante, Ava terá que viver sob um dilúvio de publicidade, primeiramente por causa de sua posição como estrêla de cinema. Ela terá que dar tanto tempo quanto possível — ou melhor, impossível — para entrevistas, fotografias, publicidade na imprensa, rádio, televisão ou "tournées" pelos teatros do país, apresentando seus próprios filmes. Tudo isto faz parte do trono de uma estrêla em pleno reinado.

Mas... suportará tudo isto o nosso impossível e inquieto Frank Sinatra? Hoje, o marido de Ava Gardner despreza e combate a sugestão de que foi a publicidade que o colocou na posição em que está, no mundo artístico da América. Êle se recusa, firmemente, a acreditar que a imprensa possa fazer ou destruir o prestígio de um artista. Êle é de opinião que tanto Sinatra quanto Ava Gardner são sucessos absolutos, muito sólidos, que nada têm a ver com a contribuição da imprensa e dos jornalistas... Por causa disto, tôda Hollywood pergunta como pode Ava Gardner esperar mais sucesso, ou ao menos continuar com o que já tem — se ouvir e seguir as opiniões de seu marido.

A verdadeira resposta talvez assombre muita gente. Pois Ava Gardner não sòmente apoia a severa e teimosa atitude de Frankie, como também a defende. O que está muito claro nas suas declarações, logo depois do casamento em Nova York, afirmando que seu marido estava perfeitamente justificado em combater os jornalistas do país. Afinal, qualquer pessoa humana tem o direito de passar em paz a sua lua de mel...

Entretanto, as amizades mais íntimas de Ava Gardner explicarão que há uma grande diferença entre a artista em férias e a artista em trabalho. Longe do estúdio, sua vida é propriedade sua e Ava acha que pode vivê-la como bem entender. Mas de volta a Hollywood, ela ouve com atenção as opiniões de seus diretores é chefes, concordando com êles.

Continuará ela a mesma contratada dócil e obediente, no estúdio da Metro, agora sob o nome de Sra. Sinatra? Eis outra pergunta difícil. Outra coisa muito certa sôbre Ava é ser a nossa heroina, na realidade, uma garôta extremamente inteligente. Apesar de seu amor por Frankie ser tão forte que possa intoxicá-la, por algum tempo, ao ponto de mandar às favas todo o cuidado e tôda a diplomacia possível — não é um sentimento capaz de cegá-la por completo. Pelo menos no que se relaciona à sua carreira no cinema. Por isto, creio que nos meses futuros, ela agirá cautelosamente, salvo se fôr obrigada a tomar nova direção por seu marido.

Ava e Frankie são opostos como dois polos. Êle jamais confessará ou admitirá ter feito um êrro, como, por exemplo, a sua atitude para com a imprensa. Ava, por outro lado, é fácil de se arrepender de uma palavra infeliz, de um passo em falso, de uma louca aventura. A mais louca das aventuras da estrêla, foi a viagem ao México, em companhia de Frankie, quando êle aindaestava casado e o divórcio não parecia uma solução possível. No que concerne aos dois, êsses seis dias do outro lado da fronteira, anunciados ao mundo nas manchetes de todos os jornais, foi o mais grave de seus erros.

Mas Frankie, como todos devem se lembrar, nunca deu o braço a torcer. Êle disse sempre que foi uma simples viagem de férias, nada tendo a ver com seu divórcio ou seu novo casamento. "Tudo isto pertence à minha vida íntima!" gritou êle, ameaçando fotógrafos e jornalistas, enquanto os guarda-costas às vêzes cumpriam as ameaças. Mas depois da "escapada" mexicana, Ava Gardner declarou com certo receio:

— O cinema acabou para mim — ou por outra: estou "acabada" para o Cinema. Isto é o meu fim. Nunca mais serei contratada para outro filme!

Uma confissão, sem dúvida, mas sincera? Outras artistas, depois de um caso assim escandaloso, teriam evitado fornecer mais combustível para a imprensa. Entretanto, quando Frankie foi cumprir um contrato em Houston, no Texas, Ava estêve todo o tempo com êle. Quando Frankie tirou férias para descansar no seu palacete em Palm Springs, quem estava ao seu lado? E quando Ava foi à Espanha, filmar "Pandora" — Frankie também apareceu por lá...

A culpa das notícias escandalosas nos jornais pertencia a quem: aos fabricantes do romance ou aos relatores do romance à procura da verdade?

O que mais irritou a imprensa, em todo o caso Ava-Sinatra, foi o casamento. Uma série de falsas notícias, dadas propositalmente para despistar os jornalistas, fêz com que um batalhão de fotógrafos e repórteres corressem o país de lado a lado, esperassem na chuva durante horas e mesmo dias. Enquanto tôda a imprensa avisada esperava o casal em Connecticut,, onde seria tirada a licença de casamento — o fato era realizado em Philadelphia... A cerimônia foi cancelada no último instante e um grupo de jornalistas, molhados como pintos, correram atrás de limousine com os recém-casados, para decobrir nela um casal de criados!

Que tudo isto foi imaginado por Frankie, propropositalmente para iludir os jornais, não resta a menor dúvida. Mas qual a reação de Ava Gardner a essa irritante brincadeira com a imprensa? Como sempre, ela tratou de explicar e desculpar a atitude do marido, alegando que Frankie, sofrendo essa perseguição dos jornalistas há anos, nos momentos mais íntimos de sua vida, estava muito afiado em matéria de enganar os seus perseguidores...



«O Cinema acabou para mim... ou melhor, estou «acabada» para o Cinema...»

Vários meses já se passaram, tudo parece calmo no "front" Sinatra-Gardner. Será o sinal de que encontraram afinal a harmonia desejada na vida íntima e profissional? Como o marido da brilhante e glamorosa Ava, não creio que Frankie possa viver o resto da vida enganando ou

(*Cont. na pág.* 32)

COM os bailados brasileiros de Vaslav Veltchek, apresentados no primeiro programa, temos a aplaudir a formação de um repertório reunindo *ballets* de têma folclórico e trabalhos clássicos e modernos. Aliás, justiça seja feita, Veltchek já tentara a experiência e com sucesso, na sua temporada de 1943. "Leilão", de Mignone, "Uirapuru", de Vila Lôbos, e "Festa na Roça", de Siqueira — cujo defeito era ser longo de mais, sobrando música para a história, mas apresentando um desafio em dança que nada ficava a dever aos bailados do *Ballet Theatre*, em sabor típico e pitoresco. Guardadas as devidas proporções no que concerne à montagem, especialmente trajes e cenário.

"Sinhô do Bonfim", de Guarnieri, e "Papagaio do Moleque", de Vila Lôbos, são bailados que pedem análise mais minuciosa e crítica maior do que o espaço que temos aqui. Mas podemos dizer, de uma maneira geral, que enquanto "Sinhô do Bonfim", que se caracteriza pela falta de dança, poderia ser feito por outra pessoa — "Papagaio do Moleque" é mais realizado como *ballet*, obedecendo a uma composição coreográfica bastante clássica em desenho e concepção — uma criação muito original que só poderia ser feita por um mestre como Veltchek. De dança, pròpriamente, "Sinhô do Bonfim" só tem a entrada do casal (Ezy Garro e Carijó) e a das baianas brancas, chefiadas por Helga Loreida — esta última uma estilização de muito ritmo e delicadeza, o melhor momento do bailado. O resto é tudo mímica, perdendo o efeito na parte representada, embora Sebastião Araújo esteja bem aproveitado no cego.

Em "Papagaio", a começar pelos primeiros momentos, quando o moleque encontra e perde o papagaio, Veltchek obtem expressão mais "expressiva" por meio da dança do que pela mímica. Devemos dizer ainda que Denis Gray está excelente no moleque, mais personificação do que criação, transmitindo um efeito ora cômico, ora tocante. A coreografia é sempre muito inteteressante em si e, ao mesmo tempo, parece feita para realçar tôdas as qualidades de Beatriz Consuelo, que desliza pelo *ballet*, com movimentos esvoaçantes mas que se enroscam, bem próprios ao papagaio. O cenário de Fernando Pamplona cria uma "atmosfera" e contraste efetivo com os trajes coloridos dos moleques, meninas e papagaios. Um dos melhores trabalhos de Veltchek — e um *ballet* que deve ficar permanente no repertório.

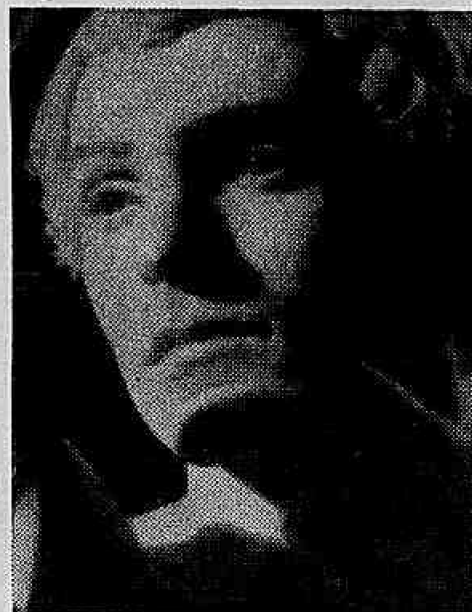


HELGA LOREIDA, decorativa como o «tecnicolor», pode ser um dos valores do nosso «ballet».

bailados brasileiros

Tania Leskova e Artur Ferreira encantam e irritam no «D. Quixote» — mas brilham sempre.





Denis Gray tem um trabalho muito original como o moleque do papagaio.



★

O "pas de deux" de "D. Quixote" (versão ensinada por Alícia Alonso) conquista sempre aplausos entusiàsticos com as chamadas "acrobacias", que fazem tanta gente bem falar mal... mas sem as quais não há *ballet* clássico. Tatiana Leskova tem sido motivo para controvérsias. Diz a oposição que o seu equilíbrio não é o mesmo e que sua técnica não está tão formidável como era no Ballet Russo. Não creio. Nestes últimos três anos, evidentemente, ela se tem dedicado mais ao ensino e à criação de bailados do que à sala de aula. Mas ainda possui muita fôrça para dominar, especialmente êsses "pas de deux" acadêmicos que exigem tanto. Sua técnica flui fácil e forte, sua elevação é sempre fora do comum e possui um domínio de cena de bailarina bem formada, experiente, que já dançou muito. Quanto ao maneirismo e as expressões "à Marlene", que tanto irritam alguns, vão por conta do papel que dança. Leskova possui uma mobilidade no rosto muito bem para papéis como "Copélia" e não para o clássico-romântico. Mas "D. Quixote" não é romântico... A "performance" de Artur Ferreira, infelizmente, não estêve à altura do grande progresso técnico feito ùltimamente por êste dançarino, um artista consciencioso em seu trabalho. Incompreensível aquela expressão para os bastidores, que nada tinha de "danseur noble" — e esta é a posição de Artur no *ballet* do Municipal.

O mal do nosso "Príncipe Igor" será sempre têrmos visto aquela inesquecível versão com Shabelewski, Grigorieva e Leskova, difícil de superar. A atual está bem revivida, os nossos artistas dançam com gôsto e entusiasmo (mais no ensaio do que no palco) sem alcançar, porém, aquela vibração selvagem que a música de Borodine sugere. Entre Denis Gray no guerreiro e Ezy Garro chefiando o grupo frenético das polovtzianas, sobressai-se Helga Loreida (muito menos Hollywood do que da primeira vez que dançou êste papel) emprestando uma beleza fria mas sensual à escrava persa.

★

Mais comentário do que crítica, estas notas constatam que o primeiro espetáculo ainda está longe de ser o idealizado,

(Cont. na pág. 32)

Nenhuma criação de Veltchek no Brasil foi melhor do que o Conjunto Coreográfico Brasileiro — trabalho agora mais valioso, com a próxima partida do mestre para a Europa.



Loretta Young e Kent Smith durante a filmagem de «Paula», da Columbia. (Vai chamar-se «Coração de Mãe»)

JOHN Phillip Souza (que aqui, êles pronunciam Suza) foi um nome famoso nos Estados Unidos, em princípios deste século, pelas suas composições e sua banda militar. Os fãs veteranos lembram-se de que as suas marchinhas militares eram sempre tocadas durante a projeção dos **Jornais** ou **Atualidades** (como também eram chamados naquele tempo) nos desaparecidos cinemas Pathé, Odeon, Palais ou Avenida.

A 20th Century-Fox está filmando a vida do mestre de banda, tendo entregue o papel principal a Clifton Webb e o da espôsa do músico a Ruth Hussey. Clifton vai aparecer barbado, como o era Souza. E' para admirar porque Hollywood, em geral não liga para detalhes autênticos quando filma a vida de músicos ou personalidades. Haja vista o caso de Cole Porter que, na vida real, é um homem de pequena estatura, mas que, na tela, foi interpretado por Cary Grant...

*

Gloria Swanson, a glamorosa estrêla, apesar dos seus 55 anos, foi para o México, onde fará uma série de filmes curtos para a Televisão. Os trabalhos são feitos nos estúdios mexicanos porque ficam mais baratos. Gloria fêz um filme para a Republic que ainda não foi estreado. Além disso, ela tem um negócio de vestidos e viaja muito pelas diversas cidades americanas, fazendo contratos com casas de modas e **magazins.** Após tantos anos de cinema, Gloria acabou **caixeira viajante**... mas a verdade é que tem ganho bastante dinheiro.

★

Montgomery Clift, o jovem artista que sempre nos tem dado boas interpretações, vai fazer um filme para o diretor Alfred Hitchcock, intitulado "Eu Confesso". Depois de "A Place in the Sun", admirável trabalho de George Stevens para a Paramount, Clift andava no desvio. Êle e Marlon Brando, aliás seu amigo íntimo, são os artistas mais independentes de Hollywood. Só aceitam boas histórias e não ligam para os contratos que os estúdios lhes oferecem. Preferem a liberdade de escolha do que muitos dólares tôdas as semanas.

★

Serge Perrault, dançarino da Ópera de Paris, acaba de chegar a Hollywood, contratado pela 20th Century-Fox. Vai dançar com Tamara Toumanova em "Tonight we sing", no ballet "Giselle". O filme é a biografia do empresário Sol Hurok que, na sua longa carreira, contratou um grande número de celebridades do mundo da música, ópera e baile. Toumanova encarna a grande e inesquecível Pavlova. David Wayne faz o papel do empresário.

★

Virginia Mayo, espôsa de Michael O'Shea, está estudando o catecismo com o Bispo Fulton J. Sheen, a fim de ser batizada e abraçar a



James Mason, sua espôsa Pamela Kellino e Partland, filha do casal.



Figuras de «Sons of the Mrs.

DIRETAM

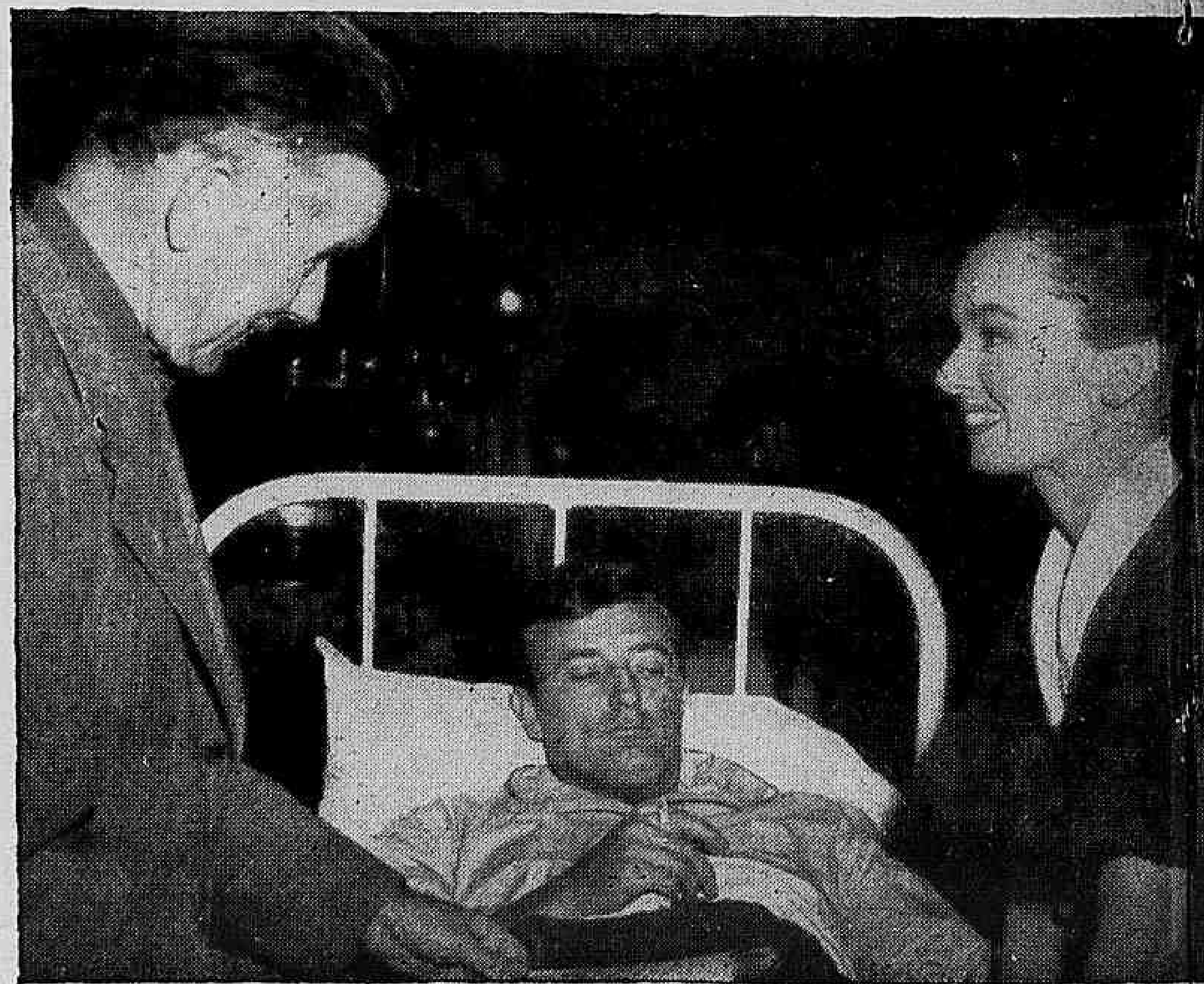
religião católica. O Bispo Sheen, por
tos religiosos. Como qualquer ator,
sem querer fazer graça, mas apena
beça e diria: "Qual! Os americanos

Já que falamos em televisão, deix
mes que já foram populares, mas qu
a Francis Ford e Raymond Hatton, c
como o fazem Alan Marshall, Gertru

John Huston deve iniciar breve, e
trec. José Ferrer interpretará o famoso



Gene Tierney durante a filmagem de «As Time Goes By», da Warner, e um eletricista do estúdio.



O diretor Tay Garnett ensaia uma cena de «The Korean Story», da RKO, com Robert Mitchum e Ann Blyth.



Mrs. Keteers», da RKO. Alan Hale Jr., Maureen O'Hara, Cornell Wilde e Dan O'Herliky.

MENTE DE HOLLYWOOD

De GILBERTO SOUTO, especial para A CENA

n, por sinal, aparece, tôdas as semanas, num programa de televisão, quando discorre sôbre assun-ator, aparece maquilado, e o seu programa é muito apreciado. Uma revista americana escreveu, apenas revelando fatos, que êle é muito **telegênico.** Tia Lalá, a minha tia predileta, abanaria a ca-anos têm cada uma!"

★

deixem-me escrever sôbre alguns artistas antigos. Os programas da TV estão utilizando muitos no-as que, com o passar dos anos, ficaram olvidados pelos estúdios. Há dias, vi num filme de **cowboys** ton, ambos bem velhinhos... Jean Parker, aquela ingênua de anos passados, também dá a sua graça, Gertrude Michael (a minha grande admirada), Ruth Clifford e outros da velha guarda.

★

ve, em Paris, um novo filme, "Moulin Rouge", narrando episódios da vida do célebre Toulou-se-Lau-amoso pintor.

(Cont. na pág. 33)



Dorothy Hart, a pequena de «Tarzan e a fúria selvagem» (RKO).

con-



Tthel Barrymore, 72 anos, e Glenn Ford num intervalo da filmagem de «The Secret of Convict Lake», da T. C. Fox.



Dale Robertson e Jacqueline Wilson, da sociedade de Los Angeles, sua noiva...

ESCÂNDALO!



As três finalistas no concurso da Mi-Carême do Rádio, Sila Sousa, Maria Aparecida Alves e Maria Teresa, da Excelsior.





Esbôço de confraternização no Rádio Paulista...

ALGO está acontecendo no Rádio de São Paulo. Aconteceu um pequeno ensaio de confraternização, quando uma festa no Colonial, reuniu no caminho de Congonhas, muita gente do Rádio e da Televisão. Isto há pouco tempo, era inacreditável.

Seria êsse um fato inédito, conseqüência também da vinda da Nacional, aparecimento que tanto tem modificado o cenário bandeirante, parecendo até um 13 de maio para os que vivem labutando?

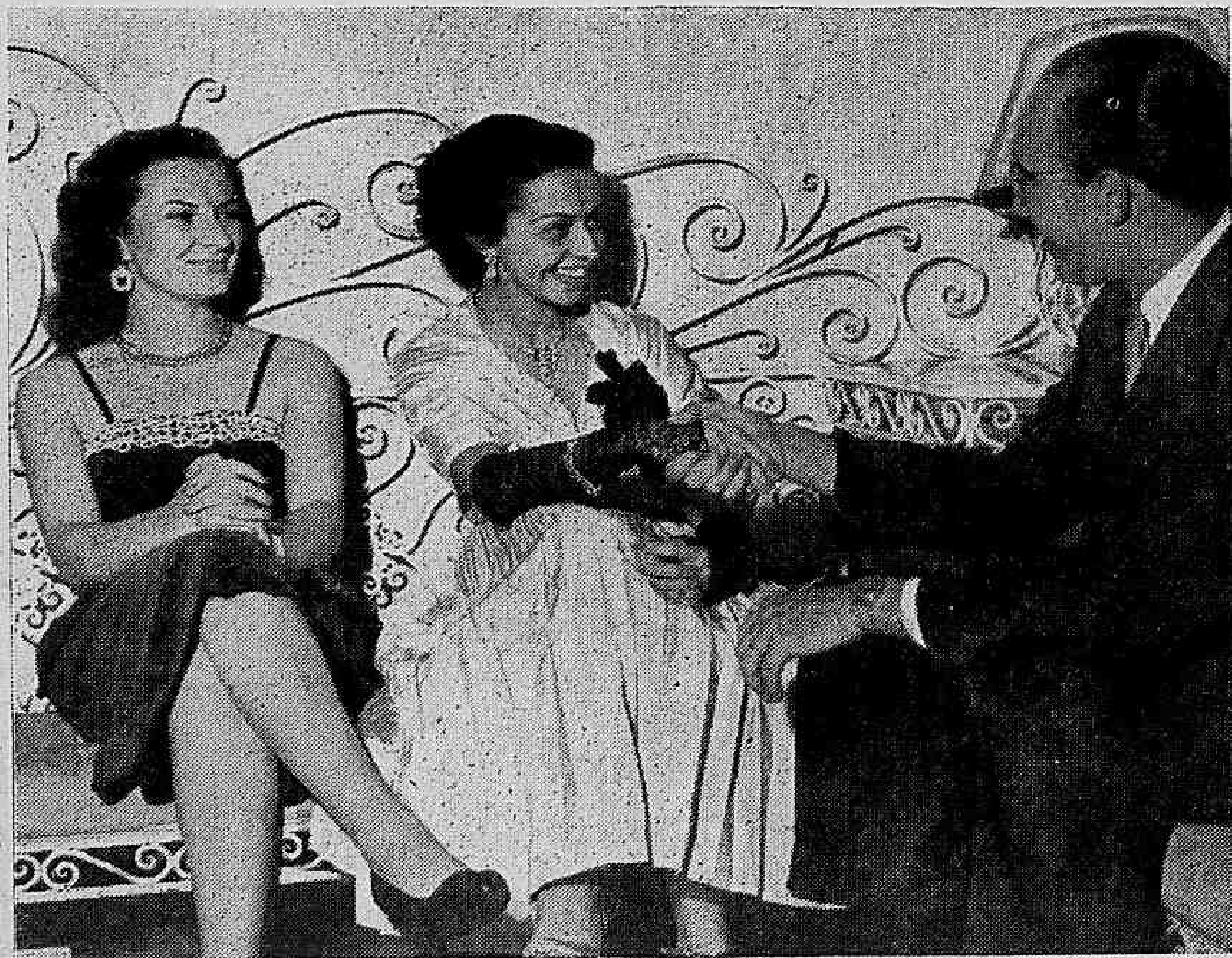
Dois eventos motivaram a reunião: o lançamento da TV-Record e a escolha da Rainha da Mi-Carême do Rádio.

A TV-Record é uma das quatro estações de televisão que se vão acrescentar às duas já existentes na capital paulista. Herman Dias de Menezes, escolhido para seu diretor, fêz um estágio de preparação, numa viagem ao México, Cuba, EE. UU. e outros países. A Record parece que está com vontade de imperar na televisão.

A escolha da rainha já estava feita antes do início do escrutínio: Maria Aparecida Alves, Sila Souza e Maria Teresa representavam, respectivamente, a Rádio São Paulo, a Rádio Record e a Excelsior. Venceu a Record, promotora do concurso.

Como o baile conseguiu reunir cinco por cento dos militantes no Rádio paulista, isto é um escândalo em matéria de confraternização...

Neide Fraga, deliciosa cantora, Sila Sousa e Paulinho, o diretor das Unidos.





Do alto para baixo: Um voto secreto conhecido: Paulinho de Carvalho vota na candidata da Record, Sila Sousa. — Mazzaroppi, cartaz da Televisão Tupi Difusora e Isaurinha Garcia, futura estrêla da TV-Record. — Maria Aparecida Alves, detentora de tôdas as qualidades para Rainha da Mi-Carême do Rádio Paulista.

ESPADA E SANGUE



NO castelo de Alaferie, situado na província de Saragoça, vive o Conde de Luna com seus dois filhos pequenos, o mais velho com cinco anos e o outro com dois anos. Êste é muito doente e corre nas redondezas que fôra vítima de "mau olhado" de uma velha cigana.

O conde vindo a saber de tais boatos mandou prender a velha e depois de julgá-la, con-



dena a pobre a ser queimada viva para exemplo de outros que porventura desejassem fazer tais mistificações.

O povo se rejubila com a condenação porque está certo de que irá ver um espetáculo de sangue e tal ocorre. A cigana tinha uma filha, Açucena que segue sua mãe com o filhinho nos braços, chorando e rogando misericórdia ao impassível Conde de Lima.

A cigana morre nas chamas lançando a sua filha uma suprema invocação: "Vinga-me! Vinga-me!". Depois daquele momento inesquecível, Açucena só pensa na vingança e dias mais tarde consegue raptar o filho mais novo do Conde fugindo com êle para a mesma montanha onde fôra sacrificada sua mãe.

Noutra fogueira bem viva Açucena num instante de alucinação julgando jogar ás chamas o filho do Conde, atira seu próprio filho.

Vinte anos se passam sôbre tão terríveis acontecimentos e o velho Conde de Luna, sentindo-se morrer, obriga seu filho a prometer que continuaria a procurar o irmão, que um pressentimento lhe dizia estar vivo.

Açucena depois da tragédia refugiara-se junto a uma tribo de ciganos e lá vivia com o filho do conde que criava tão amorosamente como se fôra o seu próprio filho. Dera-lhe o nome de Manrico, era forte, corajoso e grande cantor. Avido de aventuras e glórias, Marinco alistara-se nas tropas do Conde de Urgel, inimigo feroz do Conde de Luna, e com sua bravura e audácia em pouco tempo consegue a espada de cavalheiro e vence num torneio o pai que desconhecia e assim conquista o amor de Leonor, dama de honor da Rainha de Aragona. O Conde de Luna também se enamora de Leonor e logo ao saber de que tinha um rival e sabendo-o na pessoa daquele que o humilhara no torneio, jurou vingança!

Dias depois travam uma luta feroz e quando após desarmar o Conde, Manrico está a ponto de matá-lo, uma voz pede que não cometa a loucura e êle atormenatdo foge do local sem atender aos rogos de Leonor que a tudo assistira apavorada.

Depois Leonor veio a saber que Manrico perecera num combate com as tropas do Conde de Luna e desesperada se foi para um convento. Louco de paixão o Conde de Luna corre ao convento com seus soldados decidido a impedir que Leonor faça o voto de freira!

Manrico que não havia morrido sabe também dos propositos de Leonor e deseja evitar que tal coisa aconteça. Com seus soldados vai ao convento e arranca dos braços do Conde de Luna a mulher amada e a conduz sã e salva a Castellor, fortaleza das tropas de Urgel, e lá se casam.

Mas o conde de Luna ainda não se dá por vencido. Sitia Castellor com as suas fôrças e consegue aprisionar Açucena que é reconhecida pelo seu velho escudeiro como a rap-

(Cont. na pág. 34)

(Il Trovatore)

Filme italiano da Continental com Gianna Pederzini, Enzio Mascherini, Gino Sinimberghi e Vottorina Colonello.

Direção de Carmine Gallone.





— *E para o teatro?*
— Escrevi pela primeira vez em São Paulo em 1942 para a Cia. Palmerim Silva uma comédia: "O Vendedor de Gasolina", que não alcançou grande êxito. A seguir para a Cia. Delorges Caminha, "A Culpa é do Coração", estreada em Pôrto Alegre e reprisada no Rival do Rio, e para a Cia. Déa-Cazarré, "Uma Noite no Paraíso" e "O Fantasma da Família". "Uma Noite no Paraíso", foi a que alcançou maior sucesso, chegando até a ser plagiada por um conhecido humorista de rádio. Tenho pronta a comédia "As três faces da verdade", aguardando uma emprêsa para montá-la, o que não me parece fácil porque agora os empresários, também, são autores... A meu ver, uma das razões da visível agonia do nosso teatro é a falta de idéias novas e a prova disso é que bastou uma peça inteligente, uma idéia nova, como "As Mãos de Eurídice", para que o teatro despertasse, sacudido pelo prestígio que lhe deu o público.

Mas os donos do teatro, que foram os inovadores de ontem, continuaram liderando, embora sejam os borocochôs de hoje...

— *Que produziu para o Cinema?*
— Escrevi os argumentos dos seguintes filmes: "Segure essa mulher", "Êsse mundo é um pandeiro", "Falta alguém no manicômio" e... "E o mundo se diverte", todos para a Atlântida; "O dominó negro", "O falso detective" e "Milagre de amor", para a Flama.
— *Que acha do nosso Cinema?*

HÉLIO DO SOVERAL, sua vida, sua luta e suas vitórias

(De CARLOS MACHADO, especial para A CENA)

— *Seu verdadeiro nome?*
— Hélio do Soveral Rodrigues de Oliveira Trigo. (*Hélio do Soveral*).
— *Nasceu em?*
— Setúbal, Portugal.
— *Quando veio para o Brasil?*
— Em 1925, com 7 anos, indo residir em Araraquara, no Estado de São Paulo, onde fiquei até aos 12 anos.
— *Escreveu para jornal?*
— Sim, desde os 12 anos. Nessa idade comecei a escrever contos para o "Picapau", uma revista infantil que se publicava em São Paulo. Vindo depois para o Rio concorri ao 1º Concurso de Contos da "Carioca", que então surgia, conseguindo o primeiro lugar com o conto "Brejo Largo". Êsse primeiro lugar levou o então diretor da "Carioca", Raymundo de Magalhães, a convidar-me para colaborador efetivo na revista, orientando a seção radiofônica. Daí a minha aproximação com o rádio. Além da "Carioca", trabalhei ainda em "Vamos ler", "Noite Ilustrada", "A Noite", "Suplemento Juvenil", "Suplemento Policial", para onde ainda colaboro, que passou a chamar-se "Policial em Revista", além de outros jornais.
— *Qual a primeira emissora, no seu contato com o rádio?*
— Foi a Tupi, isso em 1936, ainda no barracão da Rua Santo Cristo.
— *De que forma se deu êsse contrato?*
— Lancei naquela emissora associada, uma novidade no rádio brasileiro: o Teatro Policial (seriado). Além da novidade, pode-se dizer, foi o pai da novela. Chamava-se êsse programa "Lewis Durban, o Aventureiro" e dos seus criadores principais ainda estão no rádio: Olga Nobre, Carlos Machado e Olavo de Barros. Outros se afastaram do microfone, além de Álvaro de Sousa, que pranteamos o seu desaparecimento dêste mundo.
— *Fora do rádio, escreveu alguma coisa?*
— Publiquei até agora, três livros: "Meu companheiro de trem", novela; "Mistério em alto-mar", romance; "Neguinho e Juraci", "sketches".



Na estréia da comédia «A Culpa é do Coração», em Pôrto Alegre.

— Acho que êle precisa urgentemente de bons diretores de produção e de diálogo. São dois cargos pràticamente inexistentes nos estúdios brasileiros. A maioria dos filmes é planejada apenas por um diretor sôbre uma cenarização deficiente e os artistas representam à vontade, com sacrifício de dicção e inflexões. Ainda há pouco tempo não havia sequer um técnico estrangeiro abalizado para nos ensinar Cinema... agora, porém, tem aparecido alguns e a qualidade técnica das produções melhoraram sensìvelmente. Isso quer dizer que o Cinema Brasileiro está progredindo paulatinamente. O que é preciso é deixar de saudosismo. Ainda há críticos cinematográficos e mesmo trabalhadores de estúdios que se referem a filmes brasileiros do tempo do Cinema mudo como obras geniais... quando nós sabemos que histórias confusas e pretensiosas não representam coisa alguma...

— *Diga-nos algo sôbre sua atividade no rádio.*

— No rádio tenho feito de tudo, desde sonoplastia (que em 1940 se chamava "ilustrações musicais) até direção geral de programas. Como já disse, comecei na Tupi, em 1936, onde, além de "Lewis Durban, o Aventureiro", a que já me referi, colaborei também no "Grande Teatro", dirigido por Olavo de Barros. Depois dessa temporada, afastei-me do rádio por motivo de viagem, regressando em 1941 a São Paulo, com o meu amigo Oduvaldo Viana. Aí lançamos juntos as primeiras novelas radiofônicas inspiradas num gênero de rádio-teatro que Oduvaldo conhecera na Argentina. O gênero "novela" agradou tanto, que a Rádio São Paulo, por essa ocasião, tinha um horário — o "Teatro de Romance" (ainda tem, aliás), que absorvia 95 por cento dos ouvintes da Capital paulista. Na "hora da novela" era um corre-corre pela cidade e todos os namorados, esbravejando, ficavam falando sòzinhos pelas esquinas. Nunca mais tal êxito foi repetido no Brasil. Foi no "Teatro de Romance" que lancei minhas primeiras novelas de fôlego, tais como "Solidão", "À margem da vida", "Fatalidade", de parceria com Oduvaldo Viana e Túlio de Lemos — e outras. Também na Rádio São Paulo escrevi e dirigi o "Teatro para Moças", "mascarando-me" de galã... Bons tempos aquêles, quando se fazia rádio por amor à arte! Em 1943, deixei a Rádio São Paulo juntamente com Oduvaldo Viana, que planejava lançar a "Panamericana". Enquanto esperava a concretização do plano, viajei pelo interior lançando as sementes do rádio-teatro nas emissoras de Franca e Poços de Calda. De volta a São Paulo ingressei na Cosmos como supervisor-geral. Com a demora da Panamericana e não podendo continuar na Cosmos, deixei São Paulo e voltei ao Rio, onde a Nacional já estava irradiando algumas de minhas novelas. Aqui fiquei produzindo para a PRE-8. Dessa temporada são as novelas: "Jardim das Fôlhas Mortas" e "O Retrato de Cristina", de sucesso indiscutível, talvez pela brilhante interpretação

(Cont. na pág. 34)

ENTRAMOS no Edifício Cineac, e pedimos ao rapaz do elevador: — Rádio Clube do Brasil, por favor. — Chegamos ao terceiro andar, com certa dificuldade conseguimos nos aproximar da porta que conduz ao grande auditório, onde uma incrível multidão disputava lugares.

— Desculpem-me, mas os senhores não podem entrar.

— Por quê? — perguntamos surpresos.

— Êste é um programa só para mulheres — nos respondeu o porteiro.

De fato, arriscamos um ôlho para dentro e vimos que o auditório estava repleto... e só de mulheres.

Não tendo outro jeito a única maneira foi esperar que o programa terminasse. Enquanto isso ouvimos pelo alto-falante que está colocado à entrada do auditório a voz de Luiz que anunciava: "E agora a Rainha do Rádio, Sua Majestade Mary Gonçalves, logo após, Ângela Maria, a nossa convidada de hoje". E assim iam desfilando os nomes de alguns dos maiores cartazes do nosso rádio, sempre acompanhados de delirantes manifestações das ouvintes presentes ao programa.

Enquanto esperávamos que chegasse 3,30, hora em que terminaria o programa, fomos bater um papo com um grupo de artistas conhecidos, que estavam esperando a hora de se apresentarem. Olhamos para o relógio, três e meia, ouvimos a música que caracteriza o encerramento do programa e de fato poucos minutos depois aparece Luiz de Carvalho rodeado por um grupo de belos "brotinhos".

Vendo-nos, Luiz veio ao nosso encontro.

— Alô, como vão vocês. Desculpem-me ter feito esperarem aqui fora, mas caso vocês entrassem no auditório haveria um protesto geral por parte das moças, que não admitem que o sexo oposto entre em um programa que é dedicado a elas.

Luiz pediu que esperássemos um instante, enquanto se despedia de um grupo de moças que estavam de passagem pelo Rio e aproveitaram para ir assistir ao programa "in loco".

A popularidade de Luiz de Carvalho é uma dessas coisas que dificilmente podemos explicar com palavras. Quando estêve trabalhando na Rádio Guanabara, Luiz possuia um programa que não nos recordamos o nome agora. Êste programa era apresentado de um estúdio de regular tamanho que ficava completamente lotado de mocinhas e senhoras que iam apenas ver Luiz falar ao microfone. A voz e a simpatia de Luiz de Carvalho exercia sôbre as ouvintes uma espécie de fascinio. Luiz é um rapaz de seus 30 anos, embora seja simpático não é um tipo de galã. Como já nos revelou uma vez, êle mesmo não compreende o por que do seu sucesso junto ao público feminino. Quando de sua estada em Belo Horizonte, onde atuou na Rádio Inconfidência, da qual é diretor o seu irmão Ramos de Carvalho, ex-locutor da B.B.C. de Londres, Luiz idealizou um programa ao qual deu o nome de "Só para mulheres". Nessa época o Rádio de Minas possuia por parte das moças mineiras uma espécie de aversão aos programas de auditório. Luiz, três dias antes do mesmo ser levado ao ar, mandou imprimir convites, e pessoalmente foi entregá-los nas portas dos colégios da Capital Mineira. Seu receio que não comparecessem era enorme. Eis que no dia marcado, uma hora antes do programa ter inicio, não havia um só lugar vazio no grande auditório da Inconfidência, um dos maiores do Brasil. Dai em diante o seu programa foi tendo cada vez mais aceitação. A Rádio Inconfidência, classificada em sexto lugar entre as emissoras de Minas Gerais, passou a figurar como a primeira em popularidade em todo o estado. Luiz muito lutou para quebrar êste tabu, quanto à frequência de mocinhas em auditório de rádio, inclusive alguns jornais que o combateram alegando que o seu programa estava pervertindo as moças daquela progressista cidade, que antes não iam de maneira alguma a programas de auditório. Era tão grande o número de pessoas que por todos os meios procuravam arranjar um lugar para assistir ao programa, que a rua na qual fica localizada a Inconfidência, ficou com o trânsito interrompido por diversas vêzes. Seu sucesso artistico e financeiro foi absoluto. Nesse momento eis que volta Luiz.

— Pronto, agora podemos conversar sossegados.

— Luiz, todos os dias o seu programa é assistido por esta multidão?

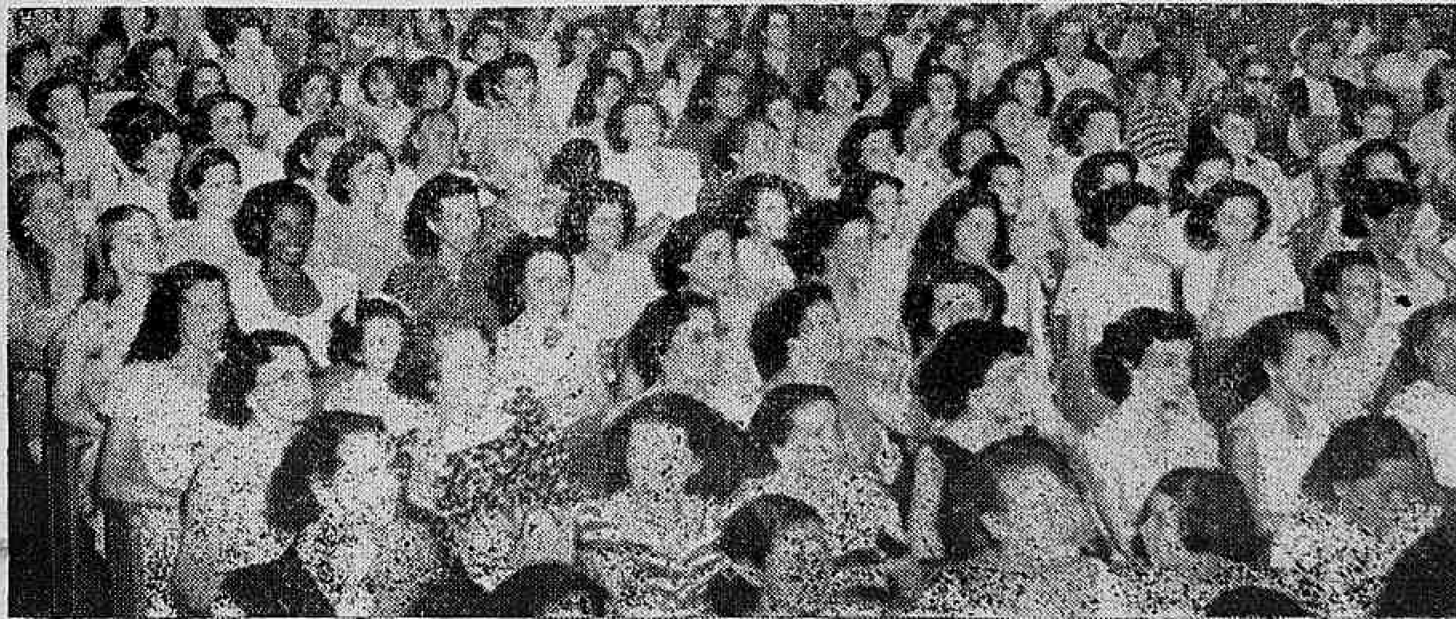
— Não, não porque sòmente às quartas-feiras eu o apresento do auditório, os outros dias da semana êle é feito de um estúdio, mas assim mesmo é raro o dia que não aparecem umas 30 moças para assisti-lo.

— Luiz, qual a razão do sucesso de seu programa?

— Esta é uma pergunta dificil de responder, porque também não sei. Ao contrário da maioria dos programas dêste gênero que existem no rádio brasileiro, o meu não dá absolutamente prêmios em dinheiro, geladeiras, rádios, enfim nenhum objeto de grande valor. Costumo sortear sempre entre as ouvintes, discos, fotografias de artistas, entradas de cinema e outras pequenas lembranças. Quero despertar nas minhas ouvintes o interêsse pelo artista, e não o interêsse no prêmio. Outro fator que julgo ser de grande importância para o agrado que tem tido o programa "Só para mulheres" é que sempre em meus programas de auditório e mesmo quando êle é feito do estúdio, entrevisto artistas, apresento sempre as últimas novidades em discos e muitas outras coisas. Devido ao sucesso dêste programa em Belo Horizonte é que resolvi apresentá-lo no Rio.

O fenômeno Luiz de Carvalho

De RAMALHO NETO









Do alto para baixo: Abelardo «Chacrinha» Barbosa e Luís de Carvalho que com César de Alencar formam os três melhores animadores dos programas de rádio. — Com Daisy Lúcidi com seu espôso, o locutor Luís Mendes em visita ao programa de Lúís de Carvalho. — E Rui Rei cantando um de seus números em «Só para mulheres». Ao lado, um aspecto do auditório da Rádio Clube durante o programa de Luís Carvalho.

— Bem, Luiz, agora vamos dizer a você o principal motivo de nossa visita. Soubemos que você, a exemplo de outros animadores como César de Alencar e Abelardo "Chacrinha" Barbosa, também gravou um disco, é verdade?

— Sim, — respondeu Luiz — a convite do Sr. Paulo Serrano, diretor artistico da gravadora Sinter, gravei duas músicas. No principio julguei tratar-se de uma brincadeira, porque em absoluto não sou cantor e nem tenho a menor pretensão.

— E quais foram as músicas, Luiz?

— "Baião das mulheres", de Miguel Gustavo e João S. Magalhães, e "Leilão na roça", dos mesmos autores. Ambas as músicas contaram com a participação de "As Moreninhas" e do conjunto dirigido por Lyrio Panicali. Não sei o que seria de mim se não fôssem êstes dois. "As Moreninhas" e o conjunto de Lyrio estão ótimos, mas eu...

— Não acreditamos Luiz.

— Não? Então venham até a sala de audição e escutem o disco.

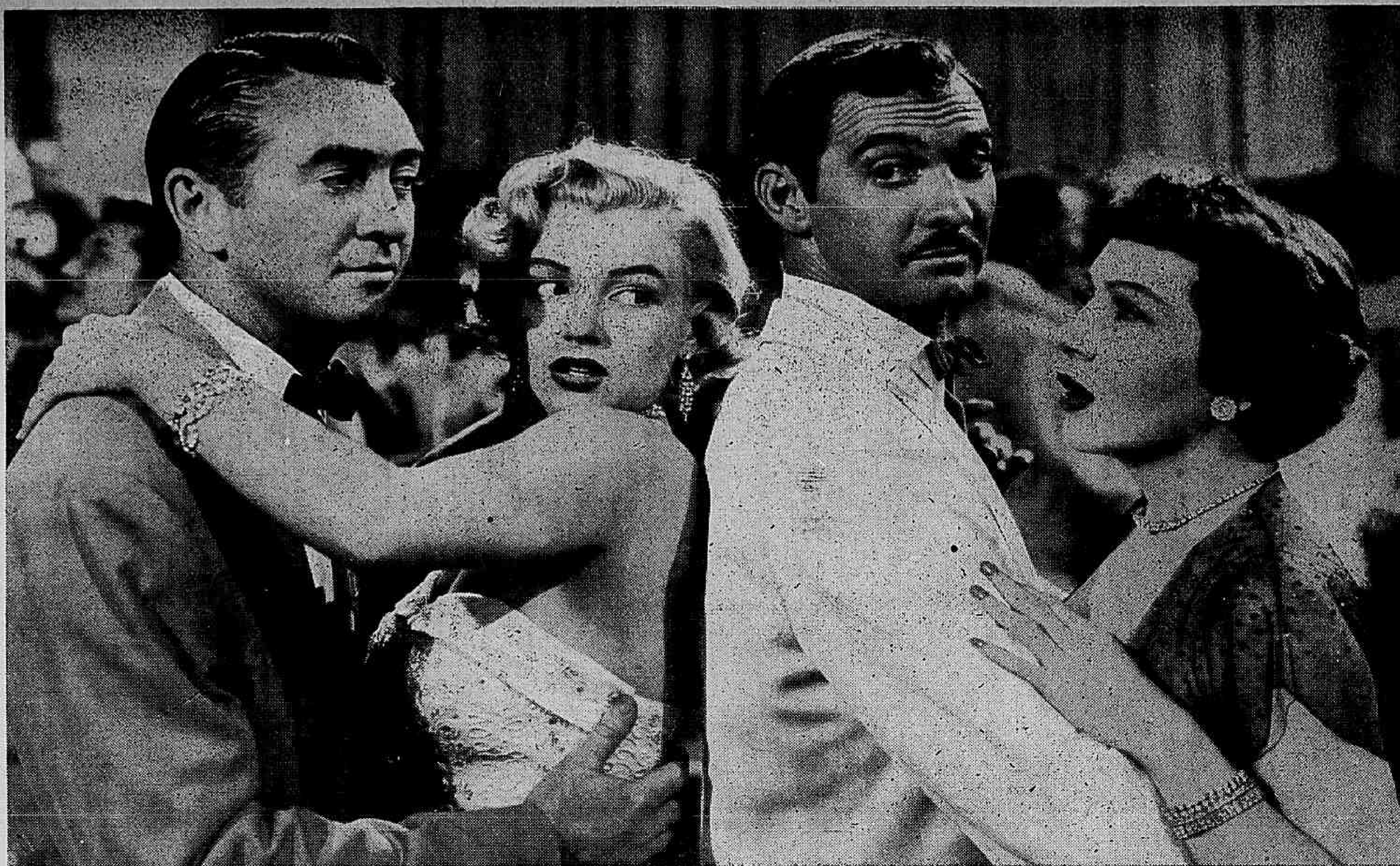
Ouvimos as duas faces, estão ótimas, e achamos a idéia da música esplêndida.

Nesse momento vieram avisar a Luiz que algumas mocinhas o esperavam.

— Bem, Luiz, não queremos mais tomar o seu tempo, mas antes, aqui entre nós, qual a razão do seu sucesso junto às moças, gostariamos de aprender.

— Olhem para mim. Não sou nenhum bonitão, sou casado e adoro a minha espôsa e meus filhos. Também não sei, mas que tenho eu que vocês não têm?

— Os "brotos" — respondemos nós.



joguei



EMBORA Miriam Halsworth e seu marido Hugh estejam se divorciando, depois de 20 anos de casados, êles são ainda bons camaradas. Hugh, diretor de publicidade de um elegante hotel, guarda algumas de suas roupas em casa de Miriam e aparece lá pràticamente todos os dias sob pretextos de ver suas preciosas plantas. O que levou Miriam a requerer divórcio contra o seu marido foi ser êste um incorrigível jogador.

O divórcio só deveria ser pronunciado no dia em que começa a nossa história e, a filha dos Halsworth, Barbara Denham, que com o seu marido Jerry, mora com sua mãe, faz o possível para reconciliar seus pais. Barbara e Jerry têm uma filhinha de um ano de idade, Annabella, o que faz de Miriam uma avó, porém uma avó excessivamente atraente, cujas formas são tão interessantes quanto as de sua filha.

Jerry é o assistente de Hugh o que faz com que as coisas se mantenham em família, em bases muito íntimas.

Barbara deseja continuar a viver com sua mãe, indefinidamente, por ser isto muito conveniente para ela, uma vez que Miriam toma sôbre si o encargo de Annabella. Jerry, porém, deseja se mudar logo que possível e os dois estão sempre discutindo sôbre êste ponto se bem que, de maneira amigável. Um famoso industrial, Victor Macfarland, hospeda-se no hotel de Hugh. Êle não é sòmente um milionário mas também um atraente solteirão, sendo visto como um bom partido.

Hugh não fica muito impressionado. Êle e Victor haviam crescido juntos e cortejado, mais tarde, a mesma moça — Miriam, tornando-se grandes rivais na conquista da afeição desta última, até ao dia em que, sem nenhuma explicação, Victor desaparecera sùbitamente, deixando o campo livre ao seu rival. A atitude de Victor foi sempre um enigma para Miriam. Hugh sabia o motivo desta retirada mas jamais lhe contara. A corrente de chave que êle traz sempre consigo e da qual pendem dois dados, parece ser a chave do mistério. Victor não havia, de forma alguma, esquecido Miriam e fica satisfeito com a notícia de que ela em breve estaria livre de Hugh. Nessa mesma noite Hugh vai à casa de Miriam convidá-la para jantar. Em memória aos velhos tempos, Miriam aceita e êles estão quase de saída quando Victor aparece, dizendo que viera na esperança de que Miriam pudesse sair para jantar com êle.

Miriam resolve o seu dilema convidando ambos para ficarem em casa e jantarem com ela. Embora ela não tenha perdoado a Victor pela sua inexplicável fuga, Miriam não deseja ser indelicada... Quando Barbara percebe o rumo que as coisas estão tomando, fica ao lado de seu pai enquanto Jerry, que pensa que Victor seria um ótimo partido para sua sogra, toma o partido dêste. Durante a visita, Hugh tira Annabella de seu berço e a traz para a sala. Se Victor ficou surpreendido ao saber que Miriam era uma avó, não o demonstrou, pelo contrário, elogiou Miriam por ter encontrado o segrêdo da eterna juventude. Na manhã seguinte, o divórcio é pronunciado. Victor resolve ficar na cidade até ter notícias de Washington sôbre a confirmação do Senado a respeito de sua escolha para um convênio monetário internacional — escolha esta em que êle está empenhado, uma vez que é agora bastante rico para se permitir a tais atividades.

Victor cerca Miriam de tôdas as atenções possíveis, fazendo-lhe a vida muito agradável. Êles são vistos juntos em tôda parte. Hugh para matar o tempo passa suas horas de lazer com Joyce Mannering, um modêlo que êle usava de vez em quando em sua publicidade.

Hugh não fica cego ao que se está passando e previne Miriam de que Victor não deve ser levado a sério, que êle está apenas se divertindo com as suas emoções. Isto enfurece a Miriam que dá comêço a uma deliberada campanha para fazer Victor levá-la ao altar.

Para completa surprêsa de Hugh, Victor pede Miriam em casamento e com a cerimônia a se realizar dentro de três dias. Na véspera do casamento, Victor recebe o tão ansiosamente esperado chamado de Washington. Êle tem que partir imediatamente e persuade Miriam a ir encontrá-lo em Washington, onde êles poderão ser casados pelo amigo íntimo de Victor, o Chefe de Justiça da Suprema Côrte.

Miriam vai ao embarque de Victor e sòmente então êle explica, por insistência desta, por que êle partira tão sùbitamente naquele dia fatídico, cêrca de



vinte anos atrás. Miriam fica furiosa, não com Victor mas com Hugh ao saber do que se passara. Ela telefona a Hugh e sem mais delongas o chama de criatura baixa e vil. Em sua fúria ela até o ameaça de destruir as suas queridas roseiras...

Esta ameaça não é uma coisa que o nosso amigo possa encarar friamente. Protegido pela escuridão da noite, êle vai acompanhado de dois homens roubar as suas preciosas plantas. Nesse momento Jerry que tivera uma altercação com Barbara sai de casa levando as suas malas.

Por falta de sorte, o carro da polícia aparece nesse momento. As atividades que os policiais presenciam lhes parecem suspeitas e êles levam Hugh e Jerry para a delegacia de polícia. Jerry telefona a Barbara pedindo que esta vá identificá-lo a fim de que êle seja pôsto em liberdade. Miriam acompanha a sua filha. Repórteres e fotógrafos aparecem em cena.

Na manhã seguinte, todos os jornais trazem estampada a notócia: "**Espôsa paga fiança para seu ex-espôso quando êste foi surpreendido roubando roseiras**" e, mais adiante: — "**A noiva de Macfarland envolvida num drama à meia-noite quando seu ex-marido foi prêso**".

Êste era justamente o dia em que Miriam deveria partir para Washington a fim de se encontrar com Victor. No último momento ela recebe um chamado telefônico do nervoso industrial dizendo que havia lido os jornais. Êle teme perder a cobiçada nomeação. Diz também que ela não deverá aparecer em Washington no momento, pois, isto causaria muita complicação...

Miriam tem amor-próprio. Ela imediatamente desfaz o casamento. Quando Hugh descobre o que se passara, não fica surprêso. Miriam, porém, lhe diz que ela não o quer tampouco. Ela tem uma opinião formada de qualquer homem que jogue dados por uma mulher. Isto, foi o que Victor lhe contara naquele dia no aeroporto: — que êle e Hugh, na competição ao seu afeto, haviam decidido resolver o caso num jôgo de dados. Hugh lhe entrega a corrente de chave que trazia sempre consigo e da qual pendiam os dados, os mesmos usados naquela ocasião. Êle sugere que ela os jogue. Dois cinco aparecem. Ela os joga novamente e o resultado é o mesmo. "Você trapaceou", ela o acusa com um sorriso a desabrochar em seus lábios. "A única vez em minha vida" diz êle tomando-a em seus braços, "mas a aposta era terrìvelmente importante para mim"...

minha mulher...

(LET'S MAKE IT LEGAL)

Filme da T.C.-FOX

Miriam	CLAUDETTE COLBERT
Hugh	MACDONALD CAREY
Victor	ZACHARY SCOTT
Barbara Denham	BARBARA BATES
Jerry Denham	ROBERT WAGNER
Joyce	MARILYN MONROE





VIDÉO

COMENTÁRIOS DE "ÉRRE" SÔBRE A SEMANA DA TELEVISÃO

(De 14 a 20 de abril)

No gosto de fazer comparações, mas desta vez, creio que é necessário. Tivemos na têrça-feira, 15, a peça de Henrique Pongetti, "Amanha se não chover", pelo teatro do sr. Silveira Sampaio. Ainda me lembro do espetáculo que assisti no Copacabana-Pálace com Armando Couto, Paulo Autran, Tônia Carrero e Vera Nunes. Sim senhor, um grande espetáculo, boa interpretação e belíssima peça. Não é preciso fazer-se elogios ao sr. Pongetti, pois não é através dessa peça que recém o conhecemos, e sim de longa data pelos seus continuos trabalhos na nossa imprensa, e agora diretor da nova revista "Manchete". O elenco que estava no Copacabana nessa ocasião, apesar de gente nova em teatro, deu-nos uma interpretação digna de uma companhia que reunisse nossos melhores profissionais.

A interpretação que nos foi dada a ver têrça-feira na TV Tupi, longe estêve do espirito da peça e dos seus personagens. A meu ver, Silveira Sampaio errou na escolha de seu "role", pois devia fazer o papel confiado a Fregolente. Éste estava pior que um peixe fora d'água; infelizmente a comédia não é o seu gênero, pois prefiro suas interpretações no setor dramático. O papel do anarquista é puramente grotesco, cheio de transições cômicas que infelizmente Fregolente, sem estar senhor do papel, não deu fôrça ao desempenho. Por sua vez, Silveira Sampaio não teve a delicadeza necessária para compor o tipo do perfumista



Wilson de Andrade, **cantor dos velhos tempos da Urca, está no rádio e tem aparecido na Televisão.**

francês. A sra. Cirene Tostes não comprometeu, apesar de ter uma voz bem desagradável e falar muito à maneira de Dulcina. Enfim, talvez os cortes muito mal feitos para a adaptação ou talvez a interpretação deficiente — que prejudicaram o espetáculo. Não sei não, o melhor é ver o segundo ato na próxima têrça-feira 22. E continua a TV Tupi obrigando-nos a um esfôrço de memória para lembrar o nome dos artistas, pois o elenco dos programas... "neca"...

★

Direinha Batista abandonou a Tupi pela Nacional. Seria por isso que na revista de segunda-feira, 14, "Dormitório de garôtas", a puseram dormindo sentada?!

★

O sr. Chianca de Garcia nos deu um atleta-cantor nessa mesma revista, aparecendo de calção de banho, para mostrar o físico tipo Apolo. Não acha a direção da TV Tupi melhor espetáculo que um homem despido, as garôtas menos vestidas?

★

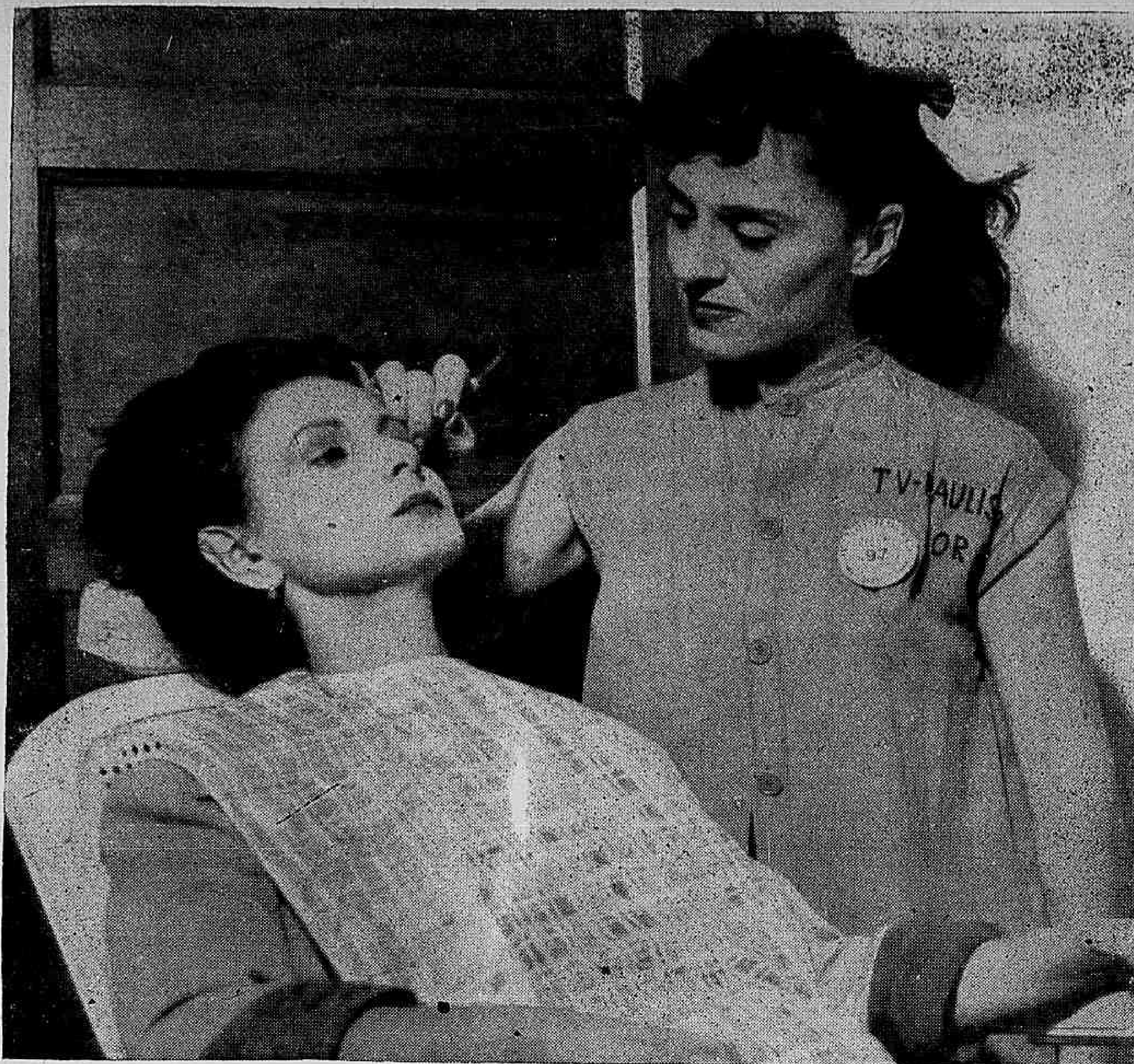
Evilázio Marçal está de castigo na TV. Não dão vez para êsse bom ator cômico de revista.

★

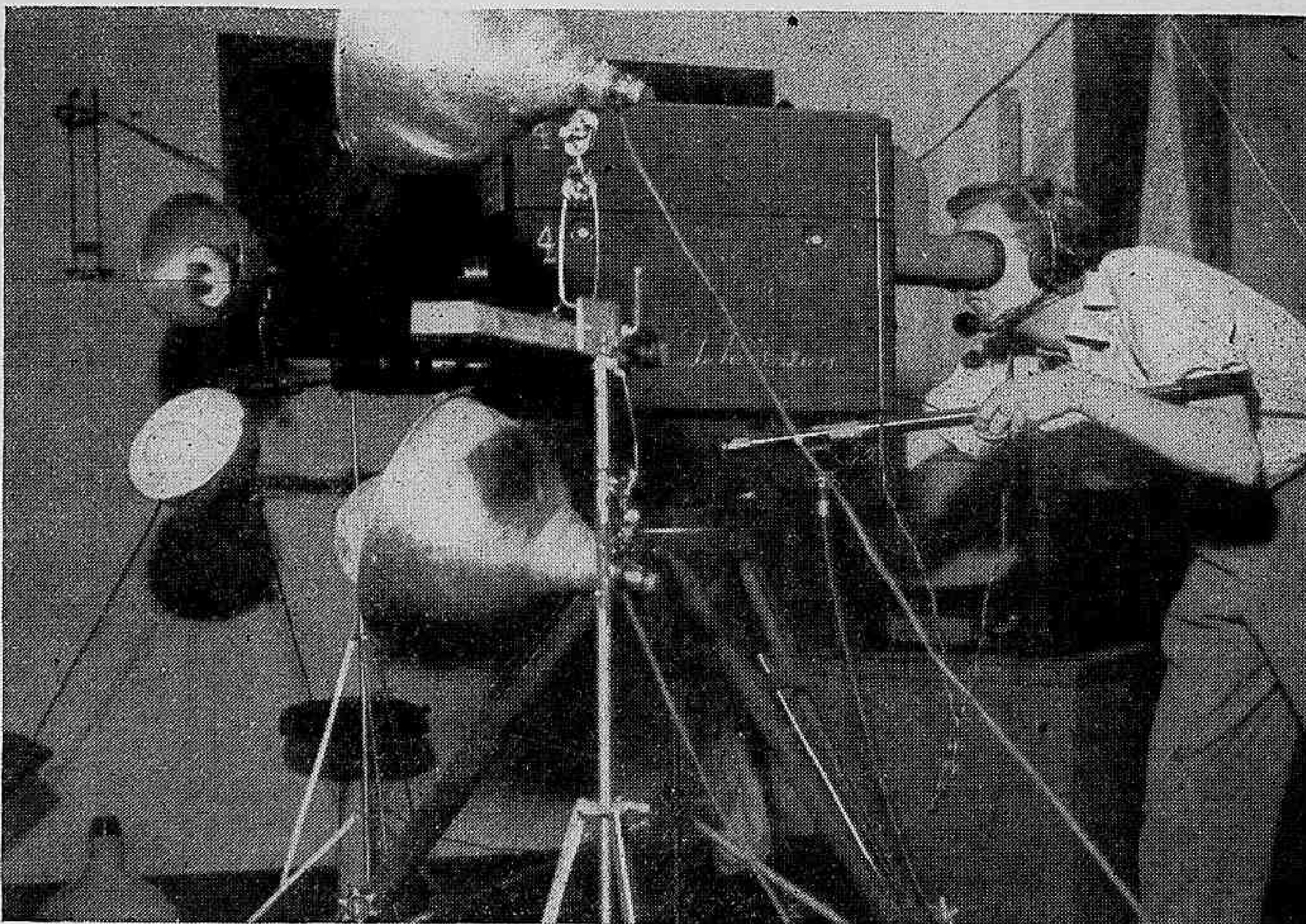
Rosângela, quem te enganou que tu eras atriz?

★

Lia Maia devia estudar seus papéis, em vez de lê-los na bola de futebol, como fêz na revista do dia 14.



Cecília Martins, da «T. V. Paulista», prepara-se para entrar em cena. Dora é a maquiladora.



Nos estúdios da T.V. Tupi-Difusora

Juliana Yanakieva deve ter se esquecido do que aprendeu. As suas coreografias pioram dia a dia.

★

Continuo me batendo pelo programa "Sucessos musicais". Deve ser feito no mínimo duas vêzes por semana.

Ranchinho voltou a trabalhar com o Alvarenga. Que bom.

★

Fazemos uma observação ao sr. Gontijo Theodoro: leia mais devagar os textos do Tele-Jornal,

(*Cont. na pág.* 34)

IGUAIS A TODOS NÓS...



June Allyson pintando uma das suas xícaras, ofício que aprendeu quando menina, para ganhar alguns dólares e que ainda pratica na intimidade,

FAZ-SE tanta ressonância em tôrno da personalidade do artista que se chega a ter a impressão de que êle é um ser á parte, para o qual não há o cotidiano nem o sentimento comum a qualquer um de nós. Vai-se ver, são todos — estrêlas gramurosas ou astros bonitões — iguais a nós e aos nossos vizinhos. Com a diferença de que nós e os nossos vizinhos não andamos nos telegramas nem nas manchetes. A propósito, vale a pena mostrar êstes "stills" colhidos na intimidade de alguns "big names"?



Mario Lanza com a sra. Lanza e as duas filhinhas do casal: Elissa e Colleen, futuros sopranos, para delícia ou tormento da vizinhança...



Van Johnson, que aí está com a herdeira, Schuyler, em sua casa de Beverly Hills.



Van Johnson ainda, atrapalhando a espôsa na confecção de um tapête feito a mão.



Kathryn Graynson e a filhinha, recebendo a visita de Zsa Zsa Gabor e da filhinha dessa «glamourous lady» da M.G.M.



Dircinha Batista

Rotação 33...

Dircinha Batista fêz sua estréia na Rádio Nacional e no programa César de Alencar com geral agrado. Dirce cantou o seu atual sucesso que é "Nunca", um "popourie" de músicas de várias nacionalidades e a marchinha rancho de Paulinho e Fernando para o próximo S. João.
Dirce. As estrêlas da Na2366
O auditório já era fã de Dirce. As estrêlas da Nacional que abram ôlho, senão a Batista...

★

Uma noite dessas, ouvimos atentamente o programa "Museu de Cêra", do Heber de Bôscoli, onde aparecem aquelas gravações antigas de Mário Reis, Carmem Miranda, Francisco Alves e outros.

Não deixem de ouvir êste programa, não sòmen'e com o espírito de recordar como também o de observar a evolução, não só da nossa música como também da técnica de gravações e orquestrações.

Nas melhores gravações da época de Mário Reis, nota-se sempre o velho "banjo", o cavaquinho, o violão e a flauta se sobressaindo. Não se conhecia ainda os arranjos de um Gaia, de um Radamés, de um Panicalli. Hoje, uma gravação Continental com a orquestra do Radamés pode, e tem competência para ser ouvida em todo mundo, sendo até motivo de orgulho para nós. O mesmo fenômeno que se operou com a técnica das gravações se deu também com a música, pois enquanto o mundo existir a evolução existirá com êle.



Neusa Maria

Digo isto respondendo a um "saudosista" que nos escreveu dizendo que antigamente é que se fazia samba e a música do passado é que era mais bonita.

★

Moreira da Silva, o "Tal", gravou um sambinha a propósito de S. Jorge, "Cavaleiro do Céu", que, dentro do espírito com que foi feito, é bom. Naturalmente a orquestra de Tabajara e a "bossa" do Moringueira, ajudam um pouco, pois em tese não gostamos de sambas dêste gênero.

★

"Dominó". Bonita gravação Continental. Jorge Goulart, agora que está começando a se libertar do Sílvio Caldas, está cantando muito bem e a orquestra de cordas bem organizada, com passagens em câmara de eco bem interessantes. O outro lado é um bolero, "Refúgio", que pode ser ouvido, pois é muito bem gravado e a letra é boa.

"Caminhos Estranhos". Que beleza de melodia!! Como a Neuza Maria a interpreta bem! Maravilha de gravação! Assim deviam ser tôdas. Parabéns, Regina Célia.

★

Odete Amaral, ex-madame Monteiro, gravou na fábrica Odeon o samba-canção de Vogler, Luís Peixoto e Marques Pôrto: Ai Ioiô". Na outra face "A Barca vai", toada de Mary Monteiro e Ari Ribeiro.

★

Carmem Costa gravou mais um disco Star. Trata-se do samba "Côco Duro" e Busto Calado "samba-canção".

★

Marion gravou mais um samba dêste homem que "é todo uma história da boêmia carioca". Não precisava dizer quem é, pois, trata-se do "velho" de espírito jovem: Bororó, que dessa vez compôs de parceria com Dino Ferreira, o irmão do "Fernandão", que também é outra figura tradicional e querida da nossa vida noturna. O nome do samba é: "O nosso amor teve fim" que, como tudo que o Simões faz, é lindo.

★

Conselho da Semana: Grav. Sínter — Neuza Maria com orq. de Lírio Panicalli — "Os seus olhos dizem" — M. Araújo e Nestor e "Caminhos Estranhos" — Regina Célia e Dunga.

★

Humberto Teixeira compôs um baião especialmente feito para a cantora chilena Aida Salas, da Nacional. O baião é muito bem feito e intitula-se "Santiago".



Carmen Miranda

★

"Perdida", o samba mais esperado dos últimos tempos, pois já passou por três mãos, acabou com a Araci de Almeida.

★

O samba "Faz tanto tempo", de Paulo Soledade, ficou tão bonito na voz de Nora Ney que a Continental resolveu regravar para melhorar ainda mais a gravação.

★

A pedidos publicamos a letra do sucesso do momento "Se você se importasse", gravação "Todamérica" de Doris Monteiro.

"Se você se importasse
com meu triste viver
Se você se importasse
com o meu padecer
E me compreendesse
tão feliz eu seria
Se você se importasse
Com a minha agonia.

Tudo quanto padeço
Esquecer não consigo
Eu talvez esquecesse
Se você se importasse
Um pouquinho comigo."



Aracy de Almeida

NOVIDADES EM "LONG-PLAY"

Benny Goodman — "Easy Does it" (Capitol); "Ted Hea'h" (London): "Listen to my music"; Paul Weston — "Melodies for Sweethearts" (Columbia). — Publicamos agora a letra de "My Heart was Doing a Bolero", de Son Coslon, e que aparece no filme "Copacabana", com Carmem Miranda e Andy Russel:

I can hear them from a far
And they seem to say
Wherever you are
I need you so
Drums beat a rhapsody for two
And I live again the madness we new
So long ago
My heart as doing a bolero
Under the stars in Rio de Janeiro
Holding you
I was dazzled and electrified
While a tiny little voice inside
Seemed to wisper "Darling"
This is the moment of moments
I don't remember were we dancing?
Was it a Tango or was it a Beguine?
All I Know is my heart was doing a bolero
And you ere so close to me
in Rio de Janeiro.

Como vêem, se entendem inglês, esta letra é mais uma das muitas pouco inspiradas e sem valor algum. A letra diz: "Meu coração estava cantando um bolero no Rio de Janeiro, e você estava tão perto de mim"...

RAY ANTHONY O DISCÍPULO DE GLENN MILLER



PARA podermos escrever algumas linhas sôbre Ray Anthony, teremos que forçosamente falar antes do saudoso Glenn Miller, criador de um estílo que hoje é seguido por diversas orquestras.

Gostariamos de falar sôbre a sua vida, fazer uma biografia, mas tudo isto já é do conhecimento dos admiradores de Glenn Miller.

Como os leitores sabem, Glenn Miller com sua orquestra, durante a última guerra, percorreu as frentes de batalha da Europa, levando com sua música um pouco de alegria e entretenimento aos fatigados soldados das Nações Unidas, nos poucos momentos que êstes tinham de descanso. Era nessa época a mais popular banda dos Estados Unidos, popularidade esta devido ao estílo que criara, uma sonoridade belíssima, que até bem pouco tempo não havia sido conseguida por nenhuma outra. Uma harmonia de sons e sincronização dos metais perfeita. A sua música era comercial sem dúvida. Mas era bem elaborada, simpática a qualquer um. Ela contribuiu decisivamente para a maior divulgação e a melhor compreenção universal da música norte-americana.

Em 15 de dezembro de 1944, estava com sua orquestra em Londres, prestes a embarcar para a França onde iria tocar para os soldados sediados em Paris. Êle embarcaria antes para certificar-se se os seus homens teriam onde ficar e tocar. Sua viagem, foi feita em um avião Norseman C-64, um aparelho todo metálico, de um só motor, rádio apenas receptor e trem de aterrissagem fixo, aparelho que não oferecia a menor segurança em caso de mal tempo. Três dias após, os sessenta e dois músicos de Miller, empinharam-se dentro de alguns aparelhos, anciosos por conhecerem Paris. Quando lá chegaram, não havia a menor notícia do Major Glenn Miller, nem do avião em que viajava. Esquadrilhas de aviões vasculharam palmo a palmo a rota que o aparelho deveria ter percorrido. Tudo em vão. Na manhã de Natal do mesmo ano, os músicos de Miller foram reunidos no Teatro Olympia para ouvirem a notícia que o grande trombonista havia sido dado como desaparecido em combate, e no dia 18 de dezembro de 1945 êle foi declarado "oficialmente morto" pelo exército dos Estados Unidos. Mas Glenn Miller ainda vive na lembrança de todos aquêles a quem a sua música levou um pouco de alegria. Quando escreverem a história da música americana, G. Miller será uma história a parte. Morreu o mestre mas a sua arte continua.

Com o desaparecimento de G. M., sua orquestra ficou sob a direção de Tex Beneke antigo músico da orquestra, que tudo fêz para que a banda não perdesse aquêle seu estílo tão característico, mas não conseguiu. Algum tempo depois, apareceu a orquestra de Ralph Flanagan que mais que Tex Beneke conseguiu aproximar-se do "estílo Miller". Tex Beneke sentido com a publicidade que a R. C. A. Victor deu a Ralph Flanagan como sendo o sucessor de Glenn Mill passou para a etiqueta MGM.

Algumas outras apareceram, mas não lograram conseguir os efeitos e sons harmoniosos como G. M. Eis que surge então Ray Anthony que com sua orquestra veio assombrar o meio musical dos Estados Unidos devido a sua semelhança com Miller. Ray assimilou por completo êste estílo. Quando ouvimos uma gravação desta orquestra, temos a sensação exáta de um disco de G. M. nos seus bons tempos. Tal foi a aceitação e popularidade que obteve a orquestra do pistonista Ray Anthony, que por 3 anos vem sendo aclamado como uma das melhores dos Estados Unidos. De fato Ray tem razão quando diz que a sua orquestra é um meio termo de Guy Lombardo e Stan Kenton. Não é "quadrada" como a de Lombardo nem tão moderna como a de Kenton. A vendagem de seus discos na América do Norte, vem aumentando dia após dia, mas sòmente agora as suas gravações foram postas a venda em nosso país. Tivemos em recente lançamento da Capitol, na qual Ray e sua orquestra gravam com Exclusividade, dois magníficos discos — "My Prayer", uma adaptação feita por Jimmy Kennedy da "Avant de Mourir" de Georges Boulanger tendo na outra face "Eleanor". A parte vocal de ambos os lados é feita pelo vocalista Tommy Mercer, que por sinal é muito bom, possui um agradável timbre de voz, mas achamos que "My Prayer" não deveria ter refrão vocal porque a orquestra é tão boa que gostariamos de ouvir a gravação tôda. Outro magnífico disco de Ray é "Autunn Leaves" a versão americana da melodia francesa "Les Feuilles Mortes" que conta com a participação de Ronnie Deauville e o conjunto vocal Skyliners. No outro lado do disco temos "Mrs. Anthony's Boogie" da autoria do próprio Ray Anthony e George Williams. Ambas músicas são bem dançantes e ótimas de serem também apenas ouvidas. Sem dúvida, de todos os "band-leaders" que procuraram tirar de suas orquestras os efeitos e a sonoridade que Glenn Miller aperfeiçoou, o único que conseguiu até agora foi Ray Anthony. Se duvidam ouçam "My Prayer" e veja se temos ou não razão.

NOTAS DIVERSAS

A nova cantora da orquestra de Stan Kenton é Jerri Winters, de Terre Haute, Indiana. Jerri era modêlo profissional e professôra de dança em Chicago antes de ser escolhida num concurso entre 500 canditadas para substituir June Christy. O concurso foi patrocinado pelo "disc-jockey" Gene Norman de Hollywood.

★

A revista especializada em jazz, "Metronome" publica em seu número de abril, o resultado do concurso realizado entre os "disc-jockeys" e cronistas fonográficos dos Estados Unidos, para a escolha da melhor fábrica de discos do ano. A Capitol Recordes venceu de ponta a ponta.

★

Mary Napoleon é o talentoso pianista que agora está ligado a Louis Armstrong que recentemente reorganizou os seus All-Stars. Êle trabalhará com Armstrong por todo êste mês, antes do grupo embarcar para atender a um contrato em Honolulu.

JAZZ em Cena

Por RAMALHO NETO

De RAMALHO NETO

Marty Napoleon que conta atualmente 31 anos de idade, descende de uma família de músicos e é natural de Brooklin.

★

Jo Stafford foi convidada para a sua primeira visita a Europa. Ela talvez vá até Dublin. Sua primeira exibição deu-se no dia 7 de abril no Palladium de Londres.

★

Irving Ashby, exguitarrista do extinto The King Cole Trio, que rompeu com Nat Cole quando êste quis mudar de estilo, foi convidado pelo pianista Oscar Peterson para integrar um trio do qual Peterson será a principal figura e Ray Brown o contra-baxista. Irving Ashby gravou um disco com Norman Granz na Mercury antes de seguir para San Francisco onde deverá estrear êste novo trio.

CHARLIE VENTURA

NASCEU a 2 de dezembro de 1916, em Philadelphia, estado da Pennylvania.



Seu interêsse pela música foi incentivado pela compra que fêz de um sax-melodico em Dó, em 1934, que êle tocou durante 1 ano. Depois passou para o alto, que foi seu instumento durante três anos, e finalmente aderiu ao tenor. Tocou em inúmeras bandas locais, entre as quais uma da qual faziam parte o guitarrista Teddy Walters, o clarinetista Buddy de Franco, e o trombonista Bill Harris. Simultâneamente com suas atividades musicais, êle trabalhou durante mais de dois anos em uma loja de chapéus, em Philadelphia. Tocou com Gene Krupa (1942-43 e novamente em 1944-45), e Teddy Powell (1943-44. Gravou com Gene Krupa e seu próprio conjunto.

Entre os seus melhores solos podemos citar: "Limehouse Blues", "Body and Soul" com o Trio de Gene Krupa, "Ghost of a chance", "C. V. Jump" e "What is the thing called love". Charlie Ventura tem sido uma das principais atrações do grupo de jazz dirigido por Norman Granz denominado "Jazz at the Philharmonic". (JATP)

GRAVAÇÕES RECÉM-LANÇADAS NOS ESTADOS UNIDOS

BILLY ECKSTINE & SARAH VAUGHAN — I love you e Ev'ry day (MGM).
WOODY HERMAN — Blue Flame e New Golden Wedding (MGM).
SARAH VAUGHAN — Pinky e A Miracle Happened (Columbia).
PERRY COMO — Please, Mr. Sun e Tulips and Heather (R.C.A. Victor).
FRANK SINATRA — I hear a rhapsody e I could write a book (Columbia).
JOHNNY HODGES — A Pound of Blues e Sideways (Mercury).
FLIP PHILLIPS — Broadway e Aple Honey (Mercury).
LESTER YOUNG — Thou Swell e Let's Fall in Love.

A Glória é do Chile...







SE fôsse futebol a conclusão seria outra, mas em se tratando de Rádio e Televisão fala-se do sucesso que está obtendo na Cultura e PRF-3-TV, Glória Ramirez, vinda diretamente do país andino, para cantar muito doce aos ouvidos paulistas e encantar muito esplêndida os olhos dos tele-espectadores.

Glória Ramirez é viva, alegre, risonha, jovial.

Atua também no Cinema e no Teatro. Na ribalta era o chamariz de "Petit Café", comédia musical com Juan Carlos Thorry.

Em Buenos Aires os ouvintes da Splendid, El Mundo e Belgrano ainda recordam Glória Ramirez.

Suas películas são "Nace un Campeón", verdadeiro "goal", "Corazón Fiel", ainda não estreada, e "Don Fulgêncio", onde homenageou o Brasil cantando "A Saudade Mata a Gente". O nosso idioma adquire novo sabor falado por Glória Ramirez, deliciosa cantora que nos conquistou.

E' por isso que a gente diz: "A Glória é do Chile".

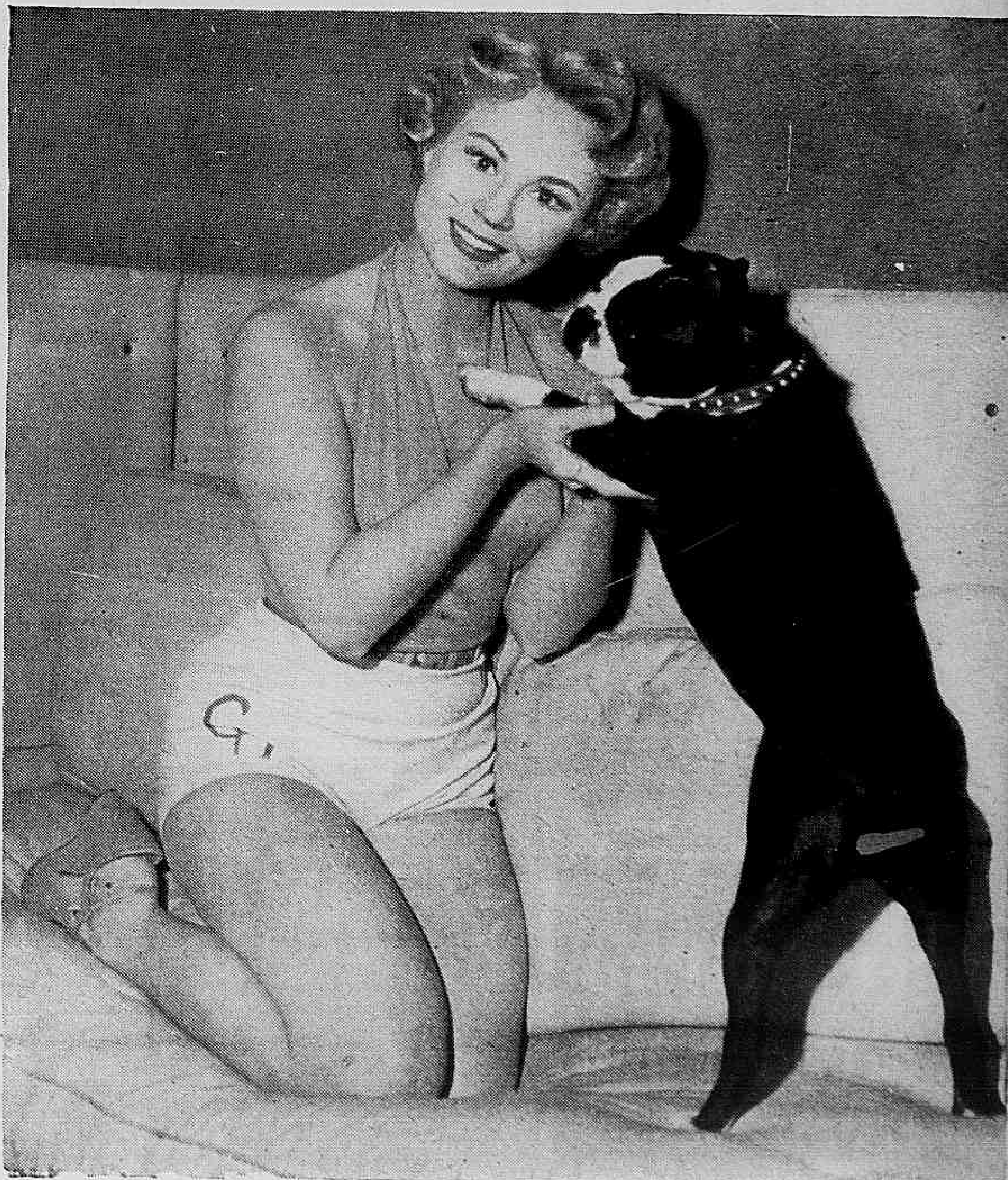


Esta é Sally Forrest, numa verdadeira festa de peles... e na qual a M.G.M. deposita grandes esperanças... Em baixo, Denice Darcel, do mesmo estúdio.





Vera Ellen, a loura que transforma em «gentlemen» todos os homens de Culver City... Em baixo, a muito conhecida e querida Virginia Mayo. Diferente, não é?



ÁGUA INGLÊSA GRANADO

Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

DICK FARNEY, CANTOR . . .

(Continuação da pág. 15)

cimento do gôsto do público norte-americano. Os programas radiofonicos de Ray Bloch são ouvidos de costa a costa dos Estados Unidos, mais do que qualquer outro maestro. Transferiu-se depois da Majestic para a Velvet Records, onde fêz diversas gravações de sucesso como o conjunto vocal Skylarks e um trio instrumental dos melhores. Dick Farney desejando sempre melhorar fêz um curso de canto com a ex-professôra de Frank Sinatra e Bing Crosby: Janet Goldenberg, mesmo já tendo estudado no Brasil com Riva Pasternack, prima do famoso cineasta Joe Pasternack. Em Chicago foi instituida a "Semana Dick Farney". Devido a extremada atençao dada a suas fãs, bem como o excesso de autografos concedidos, acarretou-lhe um estado fébril de quase 40 graus. Para surprêsa de todos, enamorou-se Dick Farney de uma jovem da sociedade brasileira. O casamento religioso foi realizado no templo de São Columbus em Nova York, com a presença de artistas do broadcasting e do cinema. Mas as saudades do Brasil, principalmente do Rio de Janeiro foi aumentando cada vez mais. Dick com o seu temperamento sentimental arrumou as malas e embarcou de volta ao Brasil, aproveitando o fato da dissolução da orquestra de Harry James o qual o havia convidado para uma tournée pelos Estados da América do Norte, com sua orquestra. Foi carinhosamente recebido em seu país como agradecimento pelo que fêz pelo nome do Brasil no exterior. Aqui chegando foi-lhe oferecido um contrato para filmar e um outro pela gravadora Sinter-Capitol. Devido a uma má direção e orientação na publicidade do filme "Somos dois", dirigido por Milton Rodrigues e tendo como "estrêla" Marina Cunha, Miss Distrito Federal, o mesmo não foi bem aceito pela crítica e pelo público, exceto as melodias que eram magníficas. Encontrava-se ao mesmo tempo a fáblica Sinter-Capitol em fase de organização não podendo dispensar maiores atenções ao cantor-recem-contratado. Algumas gravações foram feitas, inclusive um album contendo as melodias do filme "Somos dois" com belíssimas orquestrações de Lyrio Panicalli que com Radámes formam a dupla dos melhores arranjadores do Brasil. Êste foi o primeiro album contendo melodias gravadas por um cantor patrício, lançado no Brasil. Voltando à gravadora Continental, onde começou, com quem mantem um contrato de exclusividade, voltou a firmar-se novamente e hoje atravessa uma das melhores fazes de sua carreira. Sua correspondência atual varia entre 900 à 1.000 cartas por mês.

Por intermédio dos dirigentes da fábrica Continental soubemos que os discos de Dick Farney são os que têm maior saída entre os cantores daquela gravadora. Seus discos são vendidos em todo o Brasil. Quando do lançamento de uma de suas novas gravações, esta permanece por longo tempo encabeçando a lista dos mais vendidos nas casas do ramo. Em 1949 e 1950 obteve o 1º lugar como pianista de jazz em um concurso para a eleição dos melhores músicos do ano em nosso país. Entre tocar piano e cantar, será difícil podermos dizer o que Dick Farney faz melhor. E' um mestre em ambas as coisas. Quando de sua recente viagem à Republica Argentina, onde exibiu-se na Rádio El Mundo, foi fundado, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo onde existem diversos, o "Dick Farney Fan Club" com séde a Rua Sarmiento, em Buenos Aires.

Sua permanência na terra de Peron foi marcada por sucesso após sucesso em cada de suas audições. Ao escrevermos esta crônica sôbre o cantor de "Uma loira" êste já estava de malas prontas para embarcar para uma tourneé pelo Uruguai onde irá apresentar-se em Punta del Este, terra dos festivais cinematográficos, Chile, Argentina, novamente na Rádio El Mundo, Portugal no cassino Estoril, Espanha e finalmente Estados Unidos onde voltará a exibir-se frente a Televisão da N. B. C. de Hollywood e também com a orquestra de Tommy Dorsey de quem recebeu um convite quando de sua recente viagem ao Brasil. Dick Farney é justamente com Carmen Miranda os dois maiores embaixadores de nossa música no exterior. Pelo telefone em conversa com o "Cantor de duas Américas" soubemos que ainda êste mês teremos uma nova gravação sua: "Não sei a razão" e "Mundo distante" ambas de Luís Bonfá, esta última apresenta uma novidade, pois foi gravada em câmara de éco com a participação de Dinah Martins uma das componentes das Três Marias. Logo após êste lançamento teremos "Fim de romance" que, pelo título bem sugestivo deve ser colosal e "Luar sôbre a Guanabara". Temos a certeza que estas duas gravações serão como as anteriores: grandes sucessos.

E' interessante notar que Dick Farney não possui fãs simplesmente, Farney possui uma legião de admiradores que procuram por todos os meios possíveis elevar o nome de seu ídolo, criando clubes com seu nome e difundindo seus discos entre colegas. Para terminar queremos lembrar aos leitores que tôda vez que ouvirem um cantor ou cantora com aquêle estílo suave, murmurando a letra, não esqueçam que isto foi criado e lançado por Dick Farney. Não ficando nada a dever aos melhores cantores americanos e sendo um dos poucos bons intérpretes de sambas, Dick Farney ajuda a levar o nome musical do Brasil mais alto.

O casamento diminuirá...

(Continuação da pág. 16)

fugindo dos jornalistas. Ou que espere que a espôsa faça o mesmo, por causa de sua antipatia pessoal à imprensa. E Ava Gardner, se quiser continuar sua carreira, não poderá evitar de ser a pequena que todo o público quer ver — no cinema ou nos jornais. Se Gardner virar de repente a Greta Garbo, todo o mundo em Hollywood sabe que a sua carreira, pelo menos no cinema, está terminada.

Assim, os meses a seguir, trarão a solução do caso. Fala-se no seu afastamento da tela, para ser simplesmente mãe de família. Fala-se que Frankie não está apto a sustentá-la com o que ganha, pois a lei o obriga a sustentar a primeira espôsa e filhos — o que não é brincadeira. Longe estão os dias em que Sinatra presenteava os amigos com isqueiros de ouro, no valor de 150 dólares — e os amigos incluiam mais de 3 centenas... Longe estão dos dias dos presentes a Ava, em jóias caríssimas, peles, vôos transatlânticos, telefonemas de um continente a outro — o namôro mais dispendioso que Hollywood já viu! Hoje, os seus lucros são quase todos absorvidos pelo impôsto de renda e a pensão de sua ex-espôsa..

Não é segrêdo em Hollywood, que Frank Sinatra tem a saúde abalada e que essa sua atitude deve ser proveniente disto. Porque, afinal, o rapaz também possui as suas qualidades. Mas o maior perigo para a futura vida conjugal de Frank e Ava não está nesse ponto, mas sim no que revela um antigo horóscopo: "êle é um homem que no meio de um grande amor, pode ser louca e furiosamente ciumento. Casado com uma criatura reconhecidamente formosa e admirada, êle pode ser vítima de dúvidas, suspeitas e complexos de inferioridade. Se o ciúme dominar, êle terá que vencê-lo ou o casamento correrá perigo."

Assim, seja o que o que fôr, as reservas que 1952 têm para Frank e Ava continuam desconhecidas. Talvez até mesmo para êles. Uma coisa, porém, é certa. As respostas serão dadas, tôdas, pelo próprio Frank. Na opinião dos seus conhecidos, êle adora a espôsa, de tal maneira, que chega a ter medo dela. Atendendo ao raciocínio, poderá equilibrar seu comportamento. Mas se perder as rédeas, ninguém sabe o que pode acontecer.

Bailados brasileiros

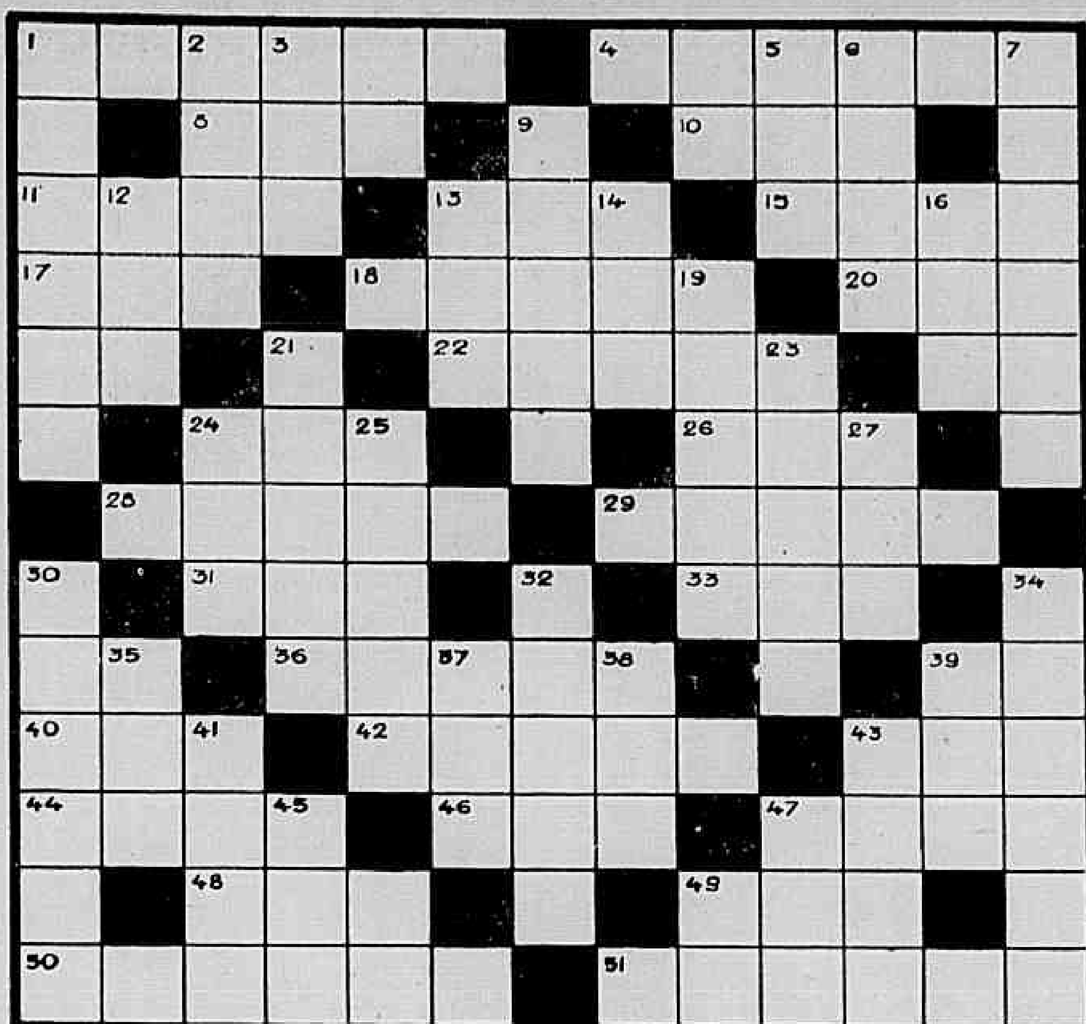
(Contiuação da pág. 17)

mas que representa alguma coisa em matéria de esfôrço, boa-vontade e terreno conquistado. Se muitos deveriam ser criticados por executar passos e não dançar (alguns nem executam...) merecem todos mais estímulo do que crítica. E nada mais estimulante do que aplausos pela realização do trabalho em si, pelo fato de terem chegado ao palco, dançando para o público — e desconfio que nisto vai muito da confiança depositada em nosso "corpo de baile" pelo professor Antônio Vítor. Dava gôsto ver o teatro tão cheio e o nosso *ballet* com tanto prestígio, incluindo a Televisão em ação, retransmitindo o "première" com dois aparelhos — o que teve uma repercussão muito interessante para a popularidade do *ballet*.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos



Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS

1 — Sobrenome de um ator inglês.
4 — Nome de um cinema do Rio.
8 — Estames de jacinto.
10 — Relação.
11 — Termo injurioso.
13 — Cidade da Tunisia.
15 — Sentimento nobre.
17 — Recusa.
18 — Juntes.
20 — Nome de homem.
22 — Lanterna dos automóveis.
24 — Do verbo dar...
26 — A mãe Virgem do sol (mit. egip).
28 — Sobrenome de uma atriz brasileira atualmente na Rádio Nacional.
29 — "Estrêla" do cinema mexicano, célebre rumbeira.
31 — Moeda em Macau e Timor.
33 — Nome de uma aviadora brasileira.
36 — Manojo de lã, estôpa ou linho, que se põe de uma vêz na roca.
39 — Parte mais larga e carnuda das pernas dianteiras das reses.
40 — Chefe supremo.
42 — Canôa de casca de madeira (pl).
43 — Antigo Rio da Itália central, separava a Úmbria do território dos sabinos, hoje Nera.
44 — Primeiro nome de um ator do cinema americano.
46 — Ganho nas tangas.
47 — 1º assasino...
48 — Morda.
49 — Gemidos.
50 — Herói das Mil e uma Noites...
51 — Filho de Priamo que empregou desesperados esfôrços para arrancar de Aquiles o cadaver de seu irmão Heitor.

VERTICAIS

1 — Sobrenome de uma célebre atriz americana que já estêve no Brasil.
2 — Filho de Jupiter, Rei de Egina.
3 — Caminho.
5 — Corda com que uma embarcação reboca outra.
6 — Capacete.
7 — Primeiro nome de uma cantora da música popular brasileira que estêve muito tempo na América do Norte.
9 — Primeiro nome de popular e célebre locutor.
12 — Rio da Suiça.
13 — A morada dos djins.
14 — Filho de Partholon e irmão de Ferguia.
16 — Prefíxo designativo de orelha.
19 — Antiga atriz do teatro brasileiro e que reapareceu na T.V.
21 — Cantora brasileira atualmente fazendo sucesso fóra do Brasil.
23 — Outra cantora brasileira abafando em Paris...
24 — Deusa.
25 — Distrito de Portugal formado de uma parte da antiga provincia de Alentejo.
27 — Sirga, reboque.
30 — Nome de um filme Brasileiro.
32 — Nome de um dos nossos cinemas.
34 — A nossa "Bombshell..."
35 — Finura de espírito.
37 — Garra.
38 — Interjeição de espanto, muito usada em Minas Gerais.
39 — Progenitor.
41 — Primeiro nome de uma atriz de revista.
43 — (Thomas) Caricaturista nort. am., nascido na Alemanha (1840-1902).
45 — Terra para a qual se retirou Caim depois de matar Abel.
47 — Rima para trás.
49 — Símbolo da Prata.

DIRETAMENTE DE...

(Cont. da pág. 19)

Howard Hughes fechou o estúdio da RKA-Rádio por três meses, despedindo centenas de empregados, entre êstes, alguns com quase vinte anos de casa. Desde fevereiro último que nada se fazia ali, mas, desta vez, o fato foi declarado pùblicamente. Hughes, que é o indivíduo mais exquisito da colônia de Hollywood, disse que fôra obrigado a isso por causa dos comunistas. Todo mundo sabe que a sua declaração foi apenas uma desculpa. Desde 1947, depois de pesquisas e investigações por uma comissão do govêrno norte-americano, até à data de hoje, não foi possível apontar um **único filme** que contivesse propaganda comunista. Muitos magnatas e outras personalidades do cinema deploraram a "desculpa" de Howard Hughes, que criou, dêsse modo, maior confusão e descrédito para a indústria do filme.

Fala-se novamente que Louis B. Mayer venha a comprar a emprêsa e isso seria a salvação dessa companhia, pois Mayer é homem que entende de cinema.

★

Estive novamente no estúdio de Charles Chaplin e conversei com uma secretária que ali trabalha desde 1928. Falou-me com grande entusiasmo do novo filme "Limelight", dizendo que Carlito está muito satisfeito com os resultados. Passou o filme para um grupo de auxiliares, esperando fazer mais alguns cortes a fim de que fique com duas horas e vinte minutos de projeção. A música ainda não foi gravada, mas o maior de todos os cômicos pretende fazer a **preview** dentro de dois meses.

★

Os estudantes da Universidade Harvard, todos os anos, votam, por pilhéria, nos piores desempenhos e trabalhos da temporada. Há dias, publicaram a nova lista: pior artista do ano, Robert Taylor, pelo seu desempenho em "Quo Vadis", estrêla, Corine Calvet, pelo seu trabalho em "On the Riviera", filme de Danny Kaye (o mesmo papel que Carmen Miranda fêz em "Aquela Noite no Rio"). Uns protestam, outros acham graça nas "gracinhas" dos estudantes...





ESPADA E SANGUE

(Continuação da pág. 21)

tora de seu irmão menor. Então o Conde manda queimá-la viva!

Manrico, no momento de casar-se, recebe a notícia de que sua mãe fôra aprisionada e condenada à morte, e acorre com seus homens para salvá-la, porém é igualmente prêso, enquanto Leonor é conduzida para longe de Castellor.

Agora, juntos na mesma cela, Manrico e sua mãe adotiva Açucena, esperam que se cumpra a vingança do conde de Luna; mas Leonor tratava de salvar seu amado a qualquer preço e para isso promete casar-se com o Conde se êle suspender a execução. O conde aceita. Êle a terá, porém não viva. Leonor se envenena e morre nos braços de Manrico, que pouco depois é conduzido ao patíbulo por órdem do Conde.

Açucena que despertara de um sonho agustioso grita então ao Conde: "Êle é teu irmão". Mas era demasiado tarde. O carrasco cumprira sua tarefa. Manrico jamais despertaria.

Soluçando, Açucena atira-se ao chão e murmura: "Mãe, estás vingada!".

HÉLIO DO SOVERAL

(Continuação da pág. 22)

que lhes deram Floriano Faissal, Zezé Fonseca, Ísis de Oliveira e vários outros artistas. Novo afastamento do rádio e nova volta, agora para a Rádio Mauá, onde, com a colaboração do Dr. Gilberto Amado, seu diretor, lancei o "Teatro Experimental do Trabalhador", de onde saíram vários dos artistas hoje cartazes. Em 1946, voltei para a Tupi, com Aurélio Campos, meu velho amigo do tempo da Rádio São Paulo. Foi nessa temporada na Tupi que lancei "Pequetita", primeira novela feita no Brasil com partitura musical escrita especialmente, tendo sido, na parte musical, meu colaborador o maestro Geraldo Mendonça, que escreveu também, as músicas das canções de "Meu Amor", outra novela, que foi estrelada por Dircinha Batista, tendo Paulo Gracindo como "partenaire". Deixando a Tupi, findo o meu contrato e graças a Vítor Costa, ingressei na Nacional, que é indiscutivelmente o ponto mais alto do "broadcasting" brasileiro. Aqui estou satisfeito, trabalhando muito mais vendo recompensados os meus esforços moral e materialmente, isto é *financeiramente*.

Aqui na Nacional, últimamente abandonei um pouco o gênero novela dedicando-me a produção de programas. Atualmente escrevo "Rádio-semana" aos domingos, "Um fio de Melodia" às quintas-feiras, "Audições Conta-Gôtas" às quarta-feiras e todos os programas do "Programa César de Alencar", aos sábados, inclusive a recente "Rádio-Revista Predileto", que constitui uma autêntica inovação em matéria de rádio. Trata-se de uma revista radiofônica que, em vez de ser impressa e vendida nos jornaleiros, é musicada e irradiada durante uma hora seguida. A confecção dêsse "magazine" está-me roubando muitas horas de sono, mas espero que os resultados compensem.

— *Quais seus autores preferidos?*

— Em literatura são Edgar Allan Pöe e Wazari's Gábor, escritor húngaro contemporâneo, autor de um romance chamado "Mompti", que é uma obra-prima de graça e filosofia. Uma espécie de Kmut Hansum popular...

— *Qual o seu compositor preferido?*

— De um modo geral, é Chopin. Na música popular brasileira prefiro Joubert de Carvalho e os autores anônimos do folclore.

— *Que julga de Sartre e seu existencialismo?*

— Pouco li de Sartre, exceto o seu teatro, que considero muito interessante pela forma e pelas intenções. Acredito que o grande público ainda não o conheça bem, e esteja influenciado pela propaganda do "existencialismo". Sartre, para mim, não é um revolucionário ativo como se pretende e sua maior característica é a falta de idealismo. No entanto, tem uma grande virtude, que é a de ridicularizar os extremismos políticos da juventude. O futuro dirá se êle é um sujeito de valor. Ninguém é gênio antes de morrer. E só quando a obra fica é que somos obrigados a tirar o chapéu...

— *Que mais nos pode dizer sôbre você?*

— Eu sempre fui pobre e sempre lutei pela vida. Quando vim de São Paulo para o Rio, na minha juventude, fui aprendiz de pedreiro, vendi jornais na rua e fui empregado de balcão de uma papelaria, de onde "Brejo-Largo" me foi buscar.

RICARDO MONTALBAN...

(Continuação da pág. 7)

mento da atriz para um papel numa nova peça. Ricardo ficou com o papel, mas nunca venceu o mêdo de Miss Bankhead ou do leão... ambos deixaram-no igualmente aterrorizado!

Acha que as mulheres devem ser completamente femininas. Prefere "chiffon" prêto ao setim azul turqueza para sua espôsa, que combinam muito bem com seu colorido frágil e delicado. Acha horrível mulheres vestindo calças de homem. Gosta de vê-las em roupas de esporte, brancas e simples... em saias rodadas e decotes bem profundos. Admira jóias e peles nas mulheres. E pérolas em sua espôsa. Acha que os modelos franceses vão melhor nas mulheres americanas, tão esculturais e de pernas tão longas...

E' um magnífico jogador de tênis... não gosta de gôlfe... nada como um campeão... regular no patim. Está agora aprendendo a patinar no gêlo para o seu próximo filme, "O Príncipe Estudante", com Jane Powell. Já fumou dois maços de cigarros por dia, mas não põe um cigarro na bôca desde que começou a treinar box para um dos seus filmes. Gosta de vinho tinto no jantar. E poderia comer salada todos os dias.

Aspira ser tão bom ator como John Barrymore... dançar tão bem como Fred Astaire... cantar como Bing Crosby. Mas não acredita nos críticos que escreveram elogiando a sua canção, "Baby, It's Cold Outside", num dos seus filmes musicais... Gosta de ver sua casa enfeitada com flores amarelas. Nunca teve vontade de ter bigode. Tem 5 pés, 11 polegadas e meia de altura, pesa 75 libras. Não se leva muito a sério, gosta de viver brincando e de pessoas que pensam dêste modo.

Êle é louco por ballet e acha Margot Fonteyn, do Sadler Wells, a mais bela, a mais emocionante, a mais sensacional das "bailerinas" que já viu. Pode assistir qualquer filme, a qualquer hora, e nunca fica aborrecido. Não perde filme de Red Skelton, assiste cada um três vêzes... e em tôdas elas quase morre de rir. Na sua opinião é um cômico magnífico.

Seu sorriso é cordial, sua gargalhada gostosa e contagiante. Sua simpatia é enorme, seu gênio muito forte. Fala três línguas: francês, espanhol e inglês... prefere falar o espanhol, mas termina sempre dizendo "pardonnez-moi"... Para o seu último filme, "Across The Wide Missouri", aprendeu a falar no dialeto dos índios americano, pois fêz o papel de um indígena cruel e sem escrúpulos. Seu primeiro papel de vilão em Hollywood. Espera que os fãs gostem. E' um ator versátil, que sabe seu ofício e leva seu trabalho muito a sério. Ricardo Montalban é mais do que tudo isto — êle é o mais romântico embaixador que o México já mandou ao cinema americano. E o México nunca o terá de volta!

V I D É O

(Continuação da pág. 26)

senão dá a impressão que não sabe ler de tanto que se engasga.

★

Como sempre, na última "Mesa redonda", de "Idéias e imagens", não se chegou a nenhuma conclusão.

★

Despediu-se a "História do Teatro Brasileiro", com um bonito programa sôbre o "Navio Negreiro" de Castro Alves. A encenação estêve ótima, cem por cento cinematográfica. Parabéns, sr. Chianca.

★

"Mesa redonda dos esportes", programa bem interessante para os apaixonados do futebol.

★

E por falar em futebol: até que enfim podemos cantar o samba "Vingança" com a vitória sôbre o Uruguai...

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, **use** LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00


VIVIAN
LEIGH
que o vento não levou. Seus
olhos continuam a brilhar
no Cinema e
no Teatro

ACOMPANHE

AS AVENTURAS

CAPITÃO ROB



NOVA FIGURA DE HERÓI
QUE A REVISTA DA SEMANA
LANÇOU NO BRASIL

•

HISTÓRIAS ESCOLHIDAS
COM RIGOROSO
CRITÉRIO

AMOR . SENSAÇÃO
HEROISMO
EM TERRA E NO MAR

ALBERTO LIMA 952

REVISTA DA SEMANA